



GAZETA

DOS CAMINHOS DE FERRO

ANO LXXII * N.º 1710 * 16 MARÇO 1959

LEO GOTTWALD WERK DUSSELDORF

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

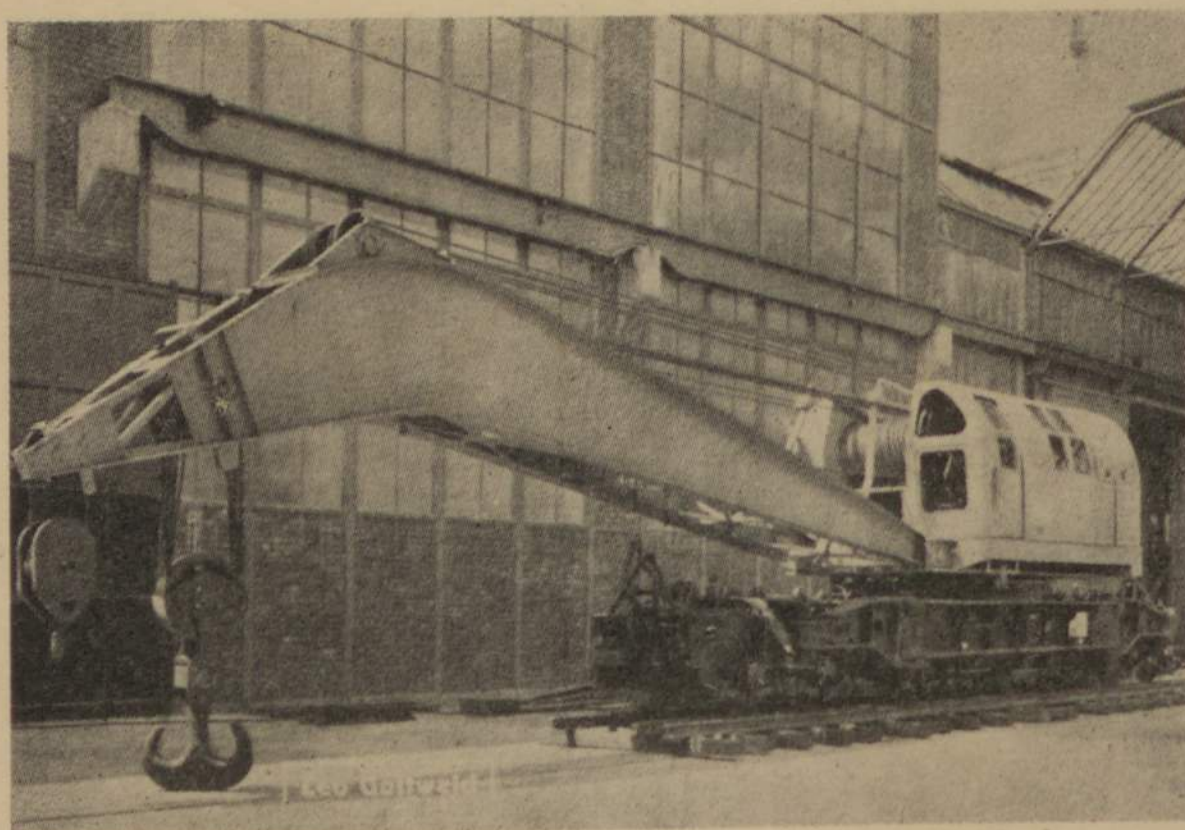
EQUIPOBRA, L.^{DA}

LISBOA — R. do Telhal, n.º 4-1.º-Dt.º-Telef. 35928 • PORTO — R. da Fábrica, 38-3.º — Telef. 33711

GRUAS DE CAMINHO DE FERRO

GRUAS AUTOMÓVEIS • GRUAS ESPECIAIS • PONTES ROLANTES

BATE ESTACAS • ESCAVADORAS



Grua de Caminho de Ferro em serviço dos Caminhos de Ferro de Angola

///

INFORMAÇÕES • ESTUDOS • ORÇAMENTOS

Gazeta dos Caminhos de Ferro

COMÉRCIO E TRANSPORTES — ECONOMIA E FINANÇAS — ELECTRICIDADE E TELEFONIA — OBRAS PÚBLICAS
— NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO — AGRICULTURA E MINAS — ENGENHARIA — INDÚSTRIA E TURISMO

Fundada em 1888 por L. DE MENDONÇA E COSTA

Director, Editor e Proprietário: CARLOS D'ORNELLAS

Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Horta Seca, 7, 1.º — LISBOA-2—Telefone: P B X 2 0158 Direcção: 2 7520

Premiada nas Exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898.—MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Porto, 1897 e 1934
Liège, 1905; Rio de Janeiro, 1908.—MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, Estados Unidos 1904

1710



16 — MARÇO — 1959



ANO LXXII

Assinaturas:

Portugal e Brasil 30\$00 (semestre)

Ultramar 80\$00 (ano)

Estrangeiro £ 1.5.0

Número avulso 5\$00

REVISTA QUINZENAL

MIRANDA & MALHEIRO, SUCR.

ESTABELECIDOS EM 1891

PORTO

LISBOA

Rua do Almada, 151-1.º

Telef. 25292

Rua da Boavista, 81, 4.º-Dto.

Telef. 668267

Agentes de Fabricantes de:

Rodados completos, Aros, Eixos, Mudanças de via, Carris e acessórios, Carruagens, Wagons e molas, Tubos para caldeiras e outros, Chapas para caldeiras, Ferros em todos os perfis, Ferro de fundição, Chumbo, Zinco e Alumínio em Lingotes, Correntes e Cabos eléctricos de todos os tipos, Creosote, Carvões, etc., etc.

ESTRUTURAS METÁLICAS E PONTES

DROGARIA CEZAL

ALBANO GARCEZ, LDA.

CASA FUNDADA EM 1910

Drogas, Tintas e Produtos Químicos
Perfumarias Nacionais e Estrangeiras

12, RUA DO COMÉRCIO, 14

Telef. 2 6498

LISBOA

TAVARES & FILHOS

LANIFÍCIOS



COVILHÃ

TELEFONE 2 3405

//

Fornecedor dos Caminhos de Ferro

C. P.

F. Bandeira Júnior

Armazém de Solas e Cabedais

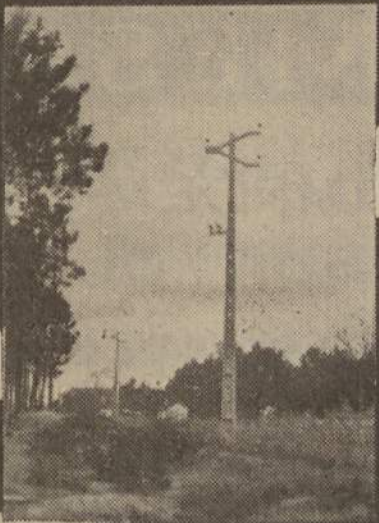
Artigos para sapateiros, correeiros, maleiros,
encadernadores e estofadores

8, Poço do Borratém, 9

Telefone 2 63 02

LISBOA

POSTES DE CIMENTO ARMADO



ALTA E BAIXA TENSÃO

Cavan
R.D. ESTEFANIA, 42 - TLF. 47812
LISBOA

BUSCH

A MÁQUINA DE **TRICOTAR**
INDISPENSÁVEL NO LAR

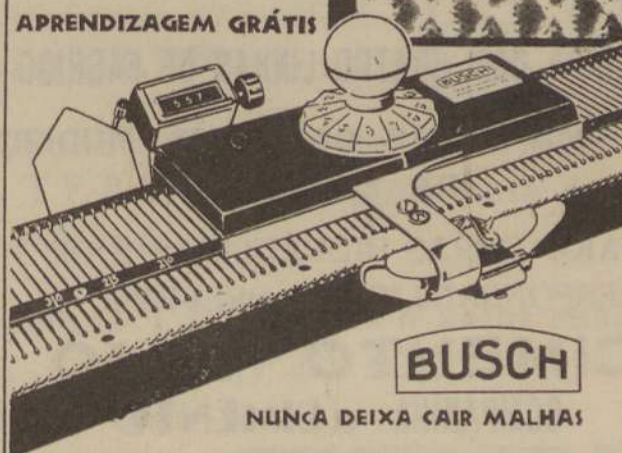
DE MANEJO MUITO SIMPLES
SEM UTILIZAÇÃO DE PESOS
NEM PENTES SUPLEMENTARES

UMA VERDADEIRA
REVOLUÇÃO NA ARTE
DE TRICOTAR

PREÇO:
A DINHEIRO: ESC. 2.500\$00
A PRESTAÇÕES: ESC. 140\$00 DE
ENTRADA E 24 MENSALIDADES
DE ESC. 115\$00

APRENDIZAGEM GRÁTIS

FAZ AUTOMÁTICAMENTE
GRANDE VARIEDADE
DE PONTOS



BUSCH
NUNCA DEIXA CAIR MALHAS

Representantes:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA
Avenida Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. 59181-2-3 - LISBOA

SOCIEDADE TEXTIL DO SUL, L.^{DA}
Sede Social: Escritório e Armazém:
Rua da Prata, 199-1.º e 2.º - LISBOA
Telefone 3 2728

Sociedade proprietária da
FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECELAGEM
EM ALHANDRA e da FÁBRICA DE
ESTAMPARIA, TINTURARIA, BRAN-
QUEAÇÃO E ACABAMENTO, DE
SACAVÉM

ELVAS
TEM, FINALMENTE, O
HOTEL ALENTEJO



O MAIS MODERNO DO PAÍS,
NO MELHOR LOCAL DA CIDADE

MAGNÍFICOS QUARTOS, ADMI-
RÁVEL CONFORTO E UMA AMPLA
SALA DE JANTAR COM COZINHA
DE PRIMEIRA ORDEM

HOTEL ALENTEJO-ELVAS

**SOCIEDADE VINÍCOLA
SUL DE PORTUGAL, L.^{DA}**
EXPORTADORES DE VINHOS E DERIVADOS

SEDE: PRAÇA DO MUNICÍPIO, 20-2.º
TELEFONES: EXPEDIENTE 26552 - GERÊNCIA 29957
Endereço Telegráfico: VINISUL

ARMAZÉNS: **AREALVA - Almada**
TELEFONE: ALMADA 070017

PRODUTO V. A. P. -- PORTUGAL
FÓRMULA INÉDITA

GLYCOL
O IDEAL DA PELE

A' venda nas boas casas das especialidades e principais far-
mácias. QUEIRA ENVIAR 5\$50 em selos do Correio, nome e
morada, para receber UMA AMOSTRA, aos Depositários Gerais:

VENTURA D'ALMEIDA & PENA
Rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, Esq.
(a Santos) - LISBOA
Telefone 66 4972

CIMENTO «TEJO»

FÁBRICA EM ALHANDRA



FABRICA COM QUATRO LINHAS DE FABRICO
SENDO UMA DELAS DAS MAIS MODERNAS
DA EUROPA

PARA OBRAS HIDRÁULICAS E DE
RESPONSABILIDADE PREFERIR O

CIMENTO TEJO
COMPANHIA «CIMENTO TEJO»

Rua da Vitória, 88-2.º—Tel. 28953

LISBOA

OS VINHOS

MESSIAS

IMPÕEM-SE PELA
SUA QUALIDADE

Depositário nos distritos de Lisboa e Setúbal

Sociedade dos Vinhos do Sul, L.^{da}

ARMAZÉM

A Z A M B U J A

Telefone: 50

ESCRITÓRIO

Rua Luís Pinto Moitinho
(aos Anjos) n.º 5-B

Telefs. { 843391 / 92
842070

L I S B O A

A Ç O S  B O E H L E R

AÇOS FINOS
Para todos os fins

STOCK PERMANENTE

UNIVERSAL

LISBOA

85 — Rua de S. Paulo — 87

Telefones 25072 e 366214

PORTO

31 — Rua de Ceuta — 33

Telefones 25045-46

Caminho de Ferro de Benguela

1348 Km. através de Angola

Ligações rápidas e cómodas
para passageiros e carga,
servindo as regiões de

BENGUELA, HUAMBO
BIÉ, MOXICO E LUNDA
CONGO BELGA E RODÉSIAS
MOÇAMBIQUE
UNIÃO SUL-AFRICANA

No Lobito: **HOTEL TÉRMINUS (1.ª classe)**

A Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}

Fábrica de Malhas «TEBE»

honra a Indústria Nacional, mercê do alto nível dos seus conceituados artigos

FORNECEDORES DA C. P.

Esta modelar unidade fabril tem um artigo para cada gosto, um corte para cada corpo, um padrão para cada exigência... Eis o grande virtuosismo das inconfundíveis malhas TEBE.

A senhora elegante exige malhas TEBE. A senhora distinta usa só malhas TEBE. A senhora que trabalha adora as malhas TEBE.

O homem de estado, o médico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o comerciante, o estudante, o trabalhador, enfim, todos, procuram nas malhas TEBE, a distinção e bom gosto aliados a um preço sem confronto.

Não é exagero dizer-se que, onde há um indivíduo, há malhas TEBE. Eis o valor substancial de uma das melhores malhas do Mundo... as malhas TEBE.

Fábrica de Malhas «TEBE»

BARCELOS — PORTUGAL — TELEF. 8385

A FÁBRICA DE BORRACHAS «ENFIM» é um valor positivo na Indústria Nacional da Borracha

Fornecedores da C. P.

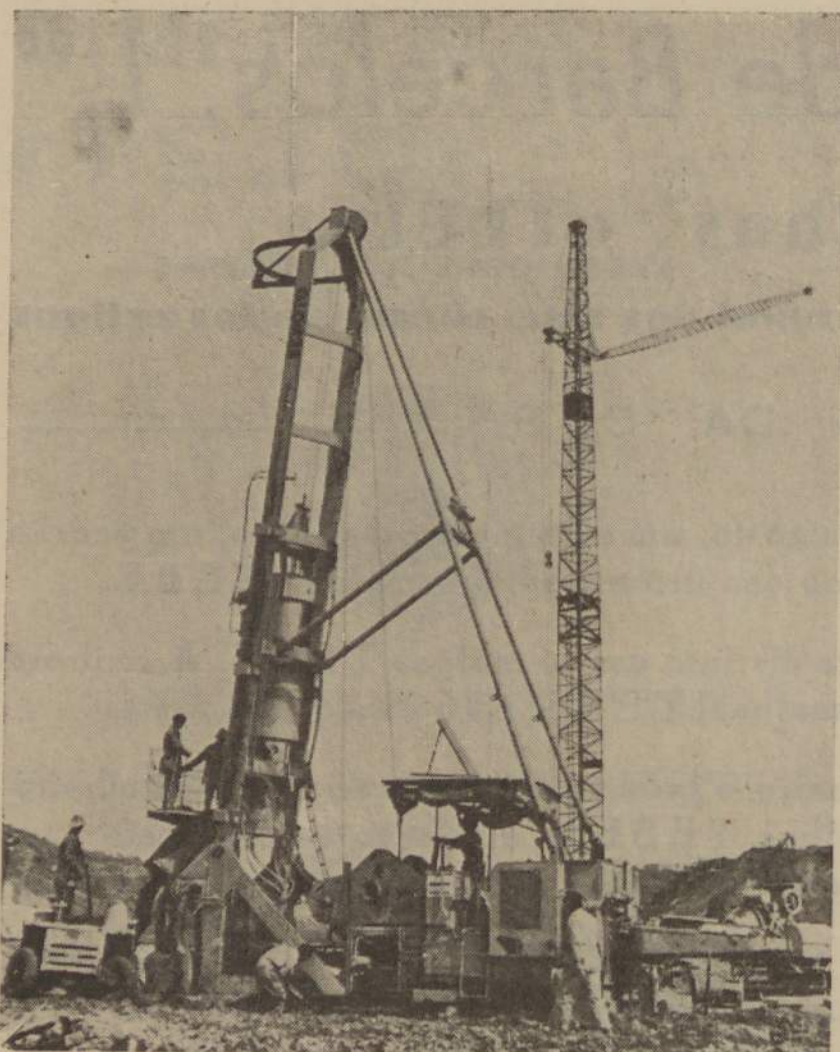
Alguns dos seus fabricos:

Correias de lona e borracha * Correias transportadoras * Correias sem fim * Revestimento de cilindros e rodas para todos os fins em borracha e ebonite * Fio de borracha para tecidos elásticos * Anilhas de borracha ou ebonite para juntas e outros fins * Saltos, Solas, meias solas e pranchas de borracha para calçado * Borracha crepe, branca e cores * Caixas, tampas e rolas de ebonite para baterias * Elásticos para embrulhos * Peças em borracha ou ebonite para branqueadores e descascadores de arroz * Peças industriais em borracha ou ebonite em todos os géneros * Borracha esponjosa * Artigos para bicicletas * Artigos sanitários * Peças em borracha para automóveis * Cilindros tempereiros * Borrachas de safar * Folhas com tela Tapetes e passadeiras * Anti-vibradores * Rodas para carrinhos de criança * Borrachas para cintas * Calçado de agasalho * Etc., Etc..

Execução perfeita, rápida e garantida * Orçamentos grátis

A. HENRIQUES & C.^A, L.^{DA}

S. João da Madeira



Máquina «BENOTO» executando estacas de 1 m. de diâmetro e 60 m. de comprimento nas fundações do viaduto de Sacavém, na auto-estrada do vale do Tejo

Construções Técnicas, L.^{da}

Praça do Município, 13, 3.º - Lisboa

Telefs. 22344 e 27809

//

Fundações

Construções Cíveis e

Industriais

Betão Armado e Betão

Pré-Esforçado

Obras Públicas

//

Concessionária do sistema de moldes deslizantes
«PROMETO» e do sistema de execução de esta-
cas de grande diâmetro «BENOTO»

FÁBRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, LDA.

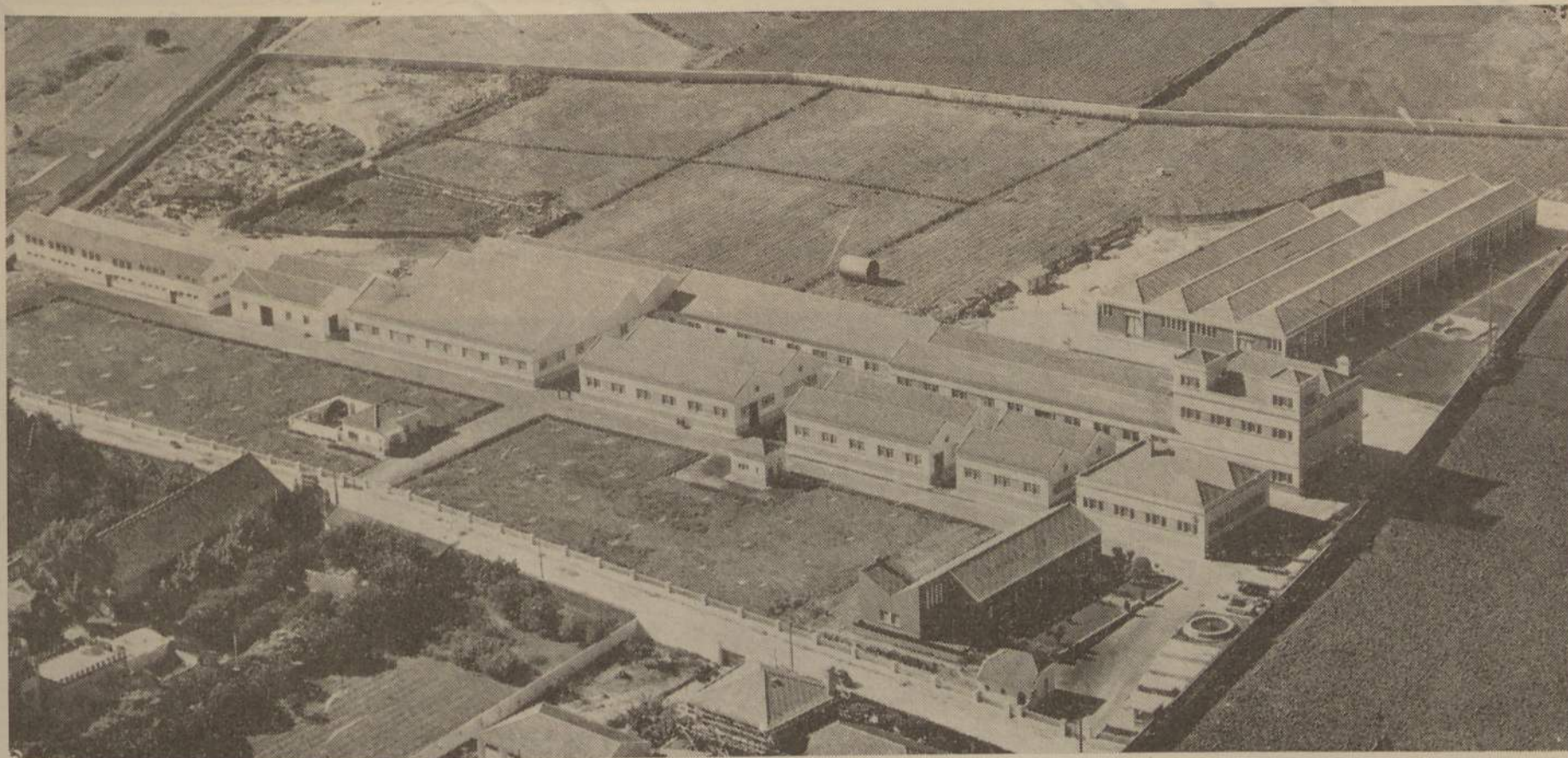
FUNDADA EM 1824

LOUÇA DE MESA ESPECIALMENTE ESTU-
DADA PARA HOTÉIS E RESTAURANTES

FORNECEDORA DA COMPANHIA DOS WAGONS-LITS

SEDE: — LARGO DO BARÃO DE QUINTELA, 3-1.º — LISBOA

TELEFONES: 32393 — 96



Vista aérea do conjunto fabril da Sociedade Industrial de Produtos Eléctricos, em Carcavelos



SOCIEDADE INDUSTRIAL DE PRODUTOS ELÉCTRICOS

S. A. R. L.

Aparelhagem eléctrica de baquelite para baixa tensão

Tubos plásticos para electricidade e outros fins

Resinas sintéticas fenólicas — Pós de moldação

Tecido plástico «PLASTEXTIL»

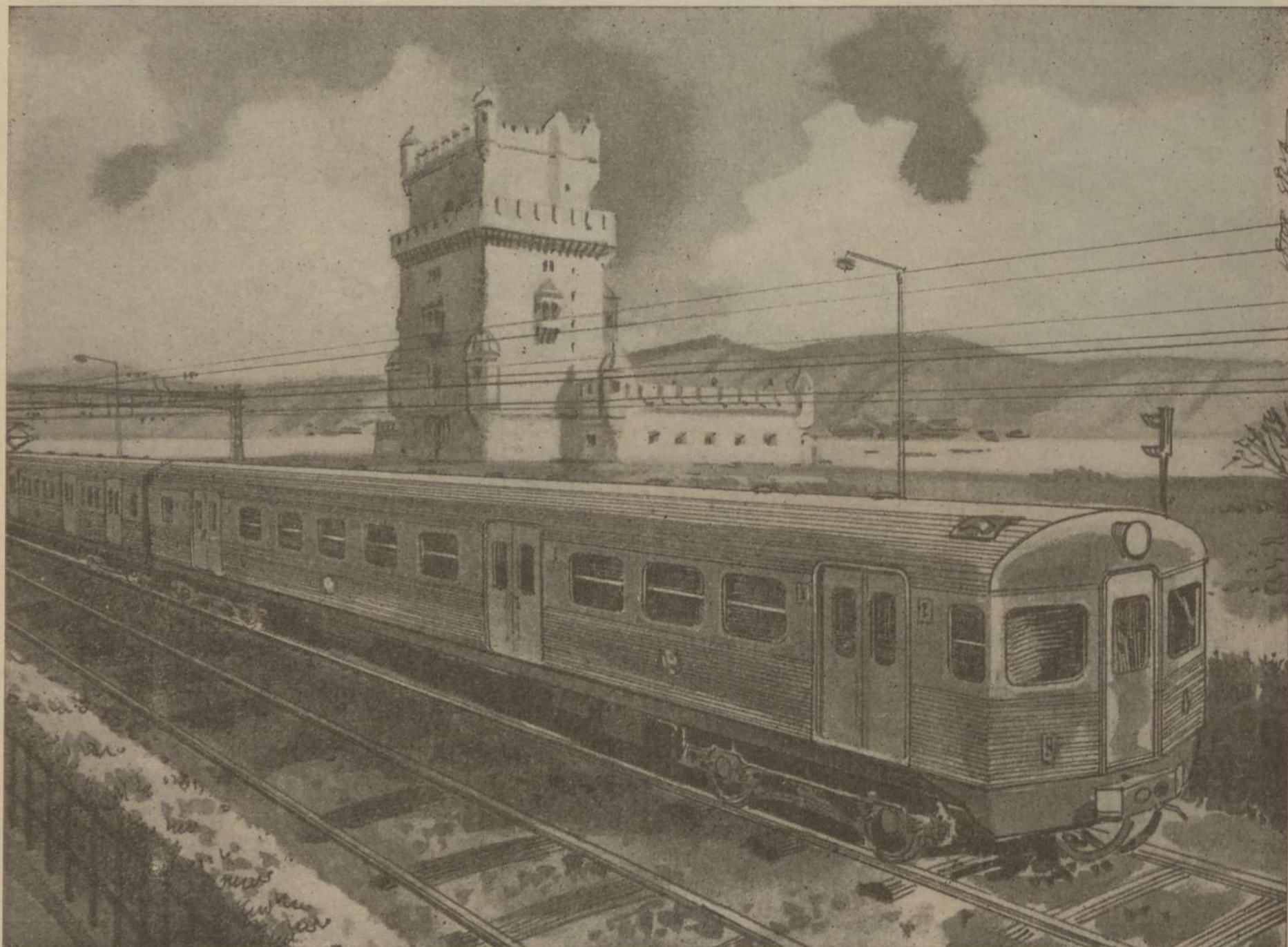


SEDE:

QUINTA DA ALAGOA DE CIMA

CARCAVELOS • Telefones: 044 291-2-3

*...Mais trabalho para a indústria nacional
...menos divisas para o estrangeiro*



A encomenda obtida, em concurso, pela SOREFAME, de três unidades quádruplas automotoras e quatro carruagens suplementares para reforço e actualização do parque ferroviário da SOCIEDADE ESTORIL, constituindo motivo de prestígio para a técnica e para a indústria nacional representa mais trabalho para os portugueses

SOREFAME é fornecedora também das carruagens para as linhas de Sintra e Santarém (CP)
e dos Caminhos de Ferro de Angola e de Moçambique

SOREFAME

AMADORA E LOBITO

PORTUGAL

HENSCHEL**LOCOMOTIVAS HENSCHEL - G M
DIESEL-ELÉCTRICAS**

Fabrico de **Henschel-werke**, em potências de **800 a 2.000 H P**, com equipamento de transmissão cujas altas qualidades são demonstradas por milhares de locomotivas em serviço nas mais difíceis condições de clima.

Tipos mais recentemente saídos das **FÁBRICAS DE KASSEL**:

EGIPTO: Henschel-G M - Aerodinâmica — 2 motores — 1900 H P

GHANA: Henschel - G M - Tropical de 1 motor — 1425 H P

HOLANDA E ÁUSTRIA: Henschel - G M de 1 motor — 1425 H P



REPRESENTANTE: CARLOS EMPIS - RUA DE S. JULIÃO, 23 - LISBOA

**H E N S C H E L - W E R K E G M B H K A S S E L****BROWN
BOVERI**

Centrais eléctricas e Subestações, Protecções para redes eléctricas, Tracção eléctrica, Válvulas electrónicas — Emissores. Em armazém no Porto: motores eléctricos, disjuntores, aparelhos de soldadura eléctrica, pára-raios, Válvulas electrónicas, etc., etc.



Auto-transformadores de 220/150 kv. destinados à subestação de PEREIROs da C. N. E. depois do desembarque no Porto de Lisboa

SOC. DE ELECT. BROWN BOVERI, LTDA.

Rua de Sá da Bandeira, 481, 2.º

Telef. 2 3411

P O R T O

Ferragens — Ferramentas

Artigos de ménage — Aparelhos diferenciais — Engenhos de furar —
 — Macacos para levantar pesos — Cutelarias — Brocas e Mandrins —
 — Ventoinhas eléctricas e manuais — Serras de fita e circulares —
 — Materiais para toda a espécie de construção

TEIXEIRA LOPES & NEVES, L.^{DA}

L I S B O A

Rua Nova do Almada, 1, 3, 5, 9 — Largo de S. Julião, 22-23

Telegr.: «FERRAME»

Telefones: { 25007
 25644
 35756

Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe

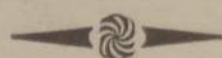
S. A. R. L.

Fábrica em F A F E

SEDE:

Avenida dos Aliados, 236, 1.º

P O R T O



*Fiação, Tecelagem,
 Branqueação, Tinturaria
 e Acabamentos*

J. Vilanova & C.^a, L.^{da}

—||—
 LISBOA — PORTO

Empanques especiais

Amiantos

Correias

Extintores

Borrachas

Mangueiras

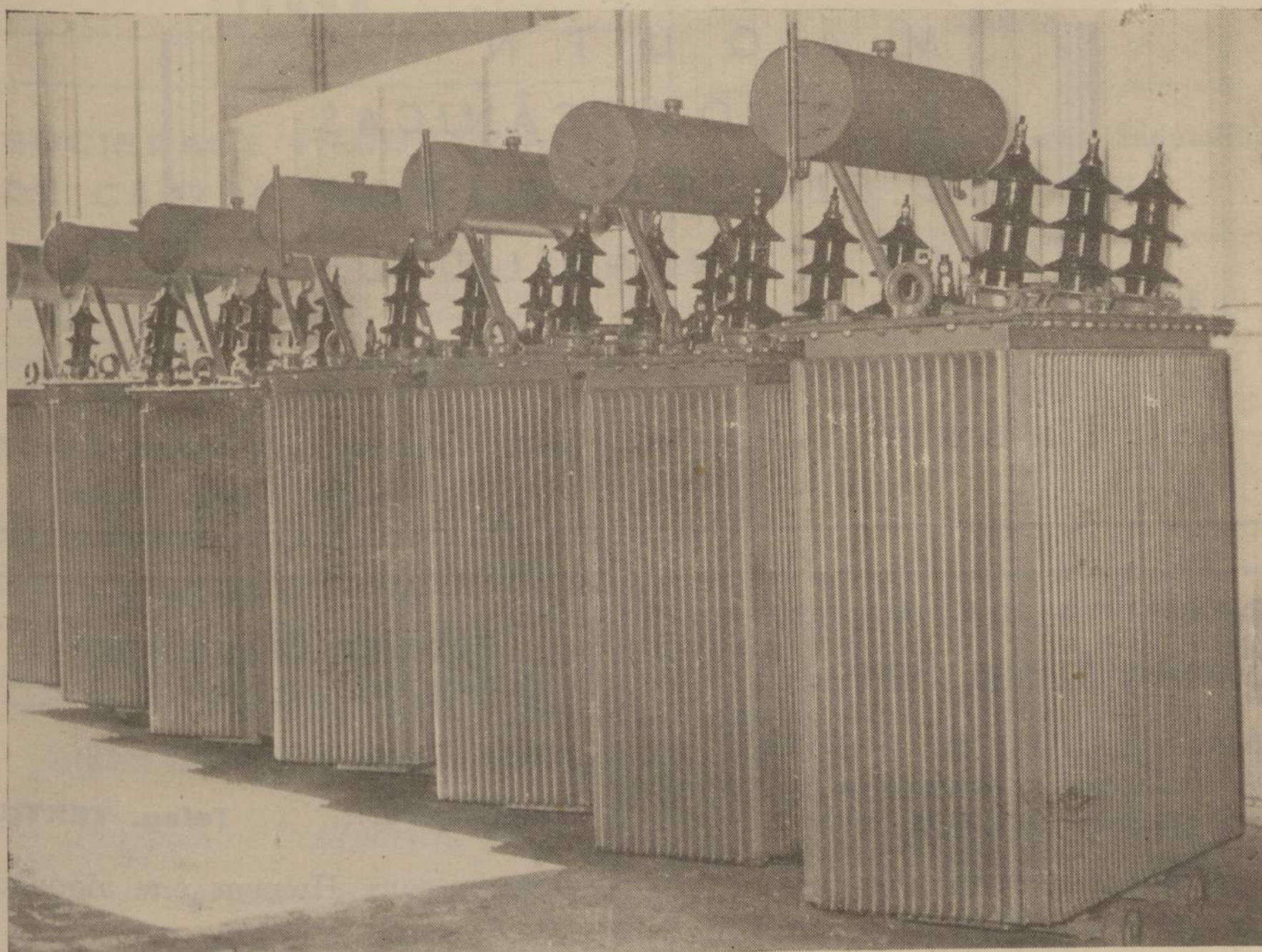


— Óleos lubrificantes —
 Produtos anti-corrosivos
 e anti-oxidantes, etc., etc.

TRANSFORMADORES E N A E

Licença Siemens-Shuckert

Para os serviços auxiliares da electrificação dos Caminhos de Ferro da C. P., foram preferidos pela *Alsthom de Paris* os transformadores E N A E



Transformadores de perdas reduzidas e especiais
de perdas extra reduzidas.

Gama de Potências de 5 a 1.600 KVA

Tensões até 35.000 Volts

Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica

Av. 24 de Julho, 158 — L I S B O A

Sociedade Portuguesa *de* *MÁQUINAS BULL, LDA.*

M Á Q U I N A S
ELECTRO-MECÂNICAS
E ELECTRÓNICAS
DE CONTABILIDADE

RUA RODRIGO DA FONSECA, 82, 1.º - E.

TELEFONE 4 2 4 4 2

LISBOA

FÁBRICA DA AREOSA
Sociedade Azevedo, Soares & C.ª

S. A. R. L.

End. Teleg. — «FARIOSA»

Telefones : 43171, 43172 e 43173

RUA DO RIO
P O R T O



**TRATAMENTO
INTERNO
ARMAND**

PROSIMACFI, S. A. VITRY (Seine) — FRANCE

Tratamento de águas de caldeiras fixas
e de locomotivas

Em Portugal: SÓQUÍMICA

Rua dos Correios, 113

LISBOA

Fábrica Barcelense

João Duarte & C.ª, L.ª

BARCELOS

Telef. 8214

Teleg. TEXTIL

Peúgas para Homem em algodão
e Nylon

Peúgas para Criança em algodão
e Nylon

Rendas de algodão e seda

Elásticos de algodão e seda

Agentes em:

LISBOA

PORTO

COIMBRA



Ingersoll - Rand, Lda.

Compressores fixos e Portáteis. — Ferramentas pneumáticas para construções metálicas e mecânicas — Máquinas para trabalhos de vias e Estradas

Largo do Corpo Santo, 28-2.º — Telef. 29671 e 23212

L I S B O A

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CARTONAGENS, LDA.

Cartonagens — Plásticos — Tipografia

Barricas e Tubos de papel prensado. Caixas de Cartão canelado. Embalagens de cartão com fundos de folha de Flandres. Embalagens em plástico transparente e de cores. Fabrico de cartão canelado vulgar — elástico e decorativo. Discos fonográficos em cartão. Papéis Plásticos. Plastificação de cartazes e livros. Sacos e Caixas impermeáveis. Tabuleiros para ovos e frutos. Vasilhas — tabuleiros e copos parafinados.

Rua João Saraiva, 7-A — Alvalade — Lisboa

Telefones: 760140 760149 — 770187

SOMAPRE

Sociedade de Materials Pré-esforçados, Lda.

Pavimentos Pré-fabricados

*Vigas de grande vão em betão
pré-esforçado*

Asnas em betão

Blocos de betão para paredes

Fornecedores da

C.ª dos Caminhos de Ferro Portugueses

Fábricas em Pero Pinheiro — Telef. 09 71 45

Em Alverca — Telef. 05 08 74

Escritório em Lisboa:

Rua Barata Salgueiro, 53, r/c

Telefs. 73 07 70 — 73 14 22

Fabricas Triunfo

Produtos Alimentares

MOAGEM, MASSAS ALIMENTÍCIAS

BOLACHAS e REBUÇADOS

ARROZ

A maior Organização Industrial
do Centro do País

Sede e Fábricas: COIMBRA

Depósitos { LISBOA
PORTO
ABRANTES

TELEGRAMAS: FREZA

CASA FUNDADA
E M 1 9 0 2

Ferreira & Souza, Lda.

*Importadores e Armazenistas
de Ferragens e Quinquilharias*

VENDAS SÓ POR ATACADO

R. dos Bacalhoeiros, 14-A, B e C - Telef. 25541

L I S B O A

PREFIRA SEMPRE

Açúcar
Areado branco

Um produto nacional de
superior qualidade.

REFINARIA DO ULTRAMAR * AV. ÍNDIA, 10 * LISBOA

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

CONSELHO DIRECTIVO :

Engenheiro MANUEL J. PINTO OSÓRIO
Comandante ALVARO DE MELO MACHADO
Engenheiro ANTÓNIO DA SILVEIRA BUAL
Major MÁRIO MELO DE OLIVEIRA COSTA
Professor Doutor JOÃO FARIA LAPA
General JÚLIO BOTELHO MONIZ

DIRECTOR

CARLOS D'ORNELLAS

SECRETÁRIOS DA REDACÇÃO :

REBELO DE BETTENCOURT
ALVARO PORTELA

REDACÇÃO

GUERRA MAIO
Eng.º VIDAL DE CALDAS NOGUEIRA
Dr. BUSQUETS DE AGUILAR
CARLOS DE BRITO LEAL

COLABORADORES:

Eng.º CARLOS MANITTO TORRES
Eng.º ARMANDO FERREIRA
Eng.º D. GABRIEL URIGUEN
Eng.º Major ADALBERTO F. PINTO
Dr. ROGÉRIO TORROAES VALENTE
Eng.º FREDERICO DE QUADROS ABRAGÃO
Eng.º EDUARDO FERRUGENTO GONÇALVES
EURICO GAMA
Eng.º FRANCISCO RODRIGUES ANTUNES



S U M Á R I O

Ao entrarmos no 72.º ano de publicação.	129
A Procura do Transporte, pelo <i>Prof. Doutor JOÃO FARIA LAPA</i>	131
A vida portuguesa há sessenta anos	133
As Festas em Portugal — Inauguração do Caminho de Ferro da Beira Alta, por <i>B. WOŁOWSKI</i>	139
Publicações recebidas	141
A visita, em caminho de ferro, do Presidente Sidónio Pais à cidade de Elvas em 1918, por <i>EURICO GAMA</i>	142
Caminhos de Ferro Ultramarinos	144
Panorama, por <i>REBELO DE BETTENCOURT</i>	145
Curiosidades e distrações da Gazeta, por <i>C. MENDES DA COSTA</i>	146
Recortes sem comentários	148
Parte Oficial	147



Ao entrarmos no 72.^o ano de publicação

ENTRAMOS hoje, com o presente número, no 72.^o ano de publicação. É já longa a existência da «Gazeta dos Caminhos de Ferro». Se a sua fundação obedeceu à necessidade de se estudarem, em conjunto, numa revista, por técnicos de reconhecida competência, os mais diversos problemas ferroviários, a longevidade deste quinzenário comprova, por sua vez, que a obra criada por iniciativa e esforço de Mendonça e Costa não perdeu o seu prestígio nem deixou de continuar ao serviço do sistema de transportes ferroviários. Hoje como ontem, a «Gazeta dos Caminhos de Ferro» pode orgulhar-se de possuir, no quadro dos seus colaboradores, alguns dos mais distintos engenheiros, que são, simultaneamente, escritores de apurado estilo, e de contar também com a presença assídua e brilhante de alguns escritores e jornalistas que se interessam pelas questões de transportes colectivos, neles vendo e reconhecendo factores importantes do progresso e da riqueza da Nação.

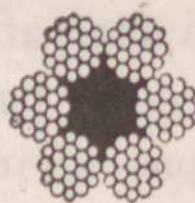
Em toda a parte, mesmo nos países de grande extensão territorial, onde a aviação desempenha papel igualmente valioso como meio de transporte rápido de passageiros, o caminho de ferro continua a ser um elemento indispensável de comunicação e de intercâm-

bio, quer sob o ponto de vista de deslocação de passageiros, quer sob o ponto de vista do transporte de mercadorias.

A deslocação em grandes massas, sobretudo de mercadorias, não pode nem poderá jamais prescindir do caminho de ferro, o mais possante transporte que se inventou até hoje. No nosso País, o caminho de ferro revolucionou a economia nacional, aproximando dos portos comerciais os principais centros produtores. É ainda o transporte ideal dos volumosos carregamentos e agora, com a electrificação que, em breve, atingirá a capital do Norte, o transporte mais rápido e mais cómodo de passageiros. O número, sempre crescente, dos utentes dos comboios eléctricos da linha de Sintra, é uma eloquente, esmagadora resposta a todos aqueles que julgavam — impensadamente, é claro — que o caminho de ferro seria posto de lado pela concorrência da camionagem.

«Gazeta dos Caminhos de Ferro», que dentro de quatro anos celebrará as suas festas de diamante, espera continuar a merecer do seu ilustre Conselho Directivo e dos seus muito apreciados colaboradores a estima e a dedicação de sempre, como nós, por nossa banda, prometemos manter-nos, como até agora, fiéis ao programa e às directrizes marcadas inteligentemente pelo seu fundador e primeiro Director.

Dia de festa é o de hoje, nesta casa que nunca fechou as suas portas a quantos nos têm procurado para, com independência, saber e juízo claro e são, estudar um problema, defender uma causa honesta ou combater uma rotina, reconhecidamente prejudicial. E como é dia de festa, por motivo de mais um aniversário, cumprimentamos os nossos colaboradores, assinantes e anunciantes e aproveitamos o ensejo para agradecer também a toda a Imprensa as provas repetidas e inequívocas de uma camaradagem que muito nos honra e muito nos tem estimulado.



A Procura do Transporte

Pelo Prof. DOUTOR JOÃO FARIA LAPA

No mercado dos transportes, as unidades de procura podem assumir caracterização diferente, consoante a necessidade que elles visam satisfazer com o recurso ao transporte.

Se a unidade de procura pretende ocorrer a necessidades pessoais, de ordem subjectiva, sejam elas de natureza cultural, moral, religiosa, ou de qualquer outra natureza, a procura do transporte rege-se pelas determinantes correntes da procura dos bens de consumo. Trata-se de uma procura directa, pois que, exercida no mercado pelas unidades de consumo final, visa satisfazer, directa ou imediatamente, necessidades dessas unidades de consumo.

Mas se a procura do transporte tiver origem em uma unidade de produção, que requer o transporte como factor produtivo, então essa procura rege-se pelas determinantes correntes da procura dos bens de produção. Em tal caso, o factor produtivo transporte insere-se, como variável, nas funções de produção e intervém em duas fases do processo produtivo: na reunião de outros factores produtivos e na distribuição dos produtos. Trata-se de uma procura indirecta, reflexa ou induzida, pois que visa satisfazer, mas só indirecta ou mediamente, necessidades das unidades de con-

sumo final, através dos produtos para cuja produção concorreu o transporte.

Esta distinção assume grande relevância em vários aspectos da economia dos transportes e, nomeadamente, no da formação dos preços de transporte.

No primeiro caso, ou seja no da procura directa, a procura do transporte é função dos réditos, das preferências e dos preços (do transporte e dos outros bens de consumo). A unidade de procura do transporte, porque é unidade de consumo final, é dotada de racionalismo económico menos rigoroso do que a unidade de produção — o que traduz a eventualidade de maior eficiência dos custos de venda, a suportar pela empresa transportadora. O desenvolvimento da curva da procura é o corrente, com a convexidade voltada para a origem dos eixos.

No segundo caso, ou seja no da procura indirecta, as condições são totalmente diferentes. O racionalismo económico da unidade de produção, que é agora a unidade de procura do transporte, é extremamente rigoroso.

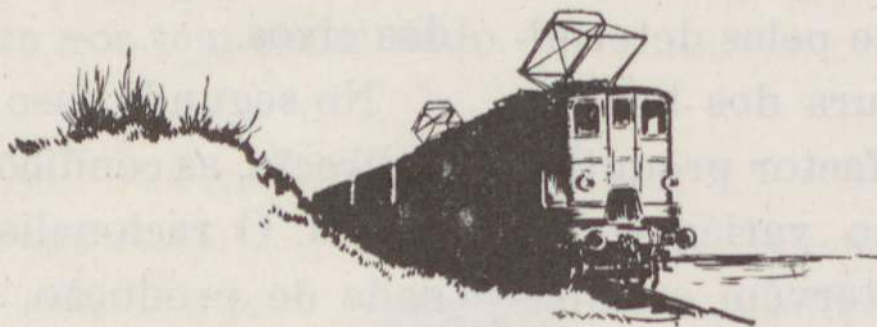
Tratando-se da reunião de factores produtivos, e na hipótese simplificadoros de se identificarem custos de transferência e custos de transporte, o preço que a uni-

dade de produção está disposta a pagar pelo transporte é função do preço do produto final e da produtividade marginal que o transporte apresenta em relação ao processo produtivo. A curva da procura do transporte apresenta desenvolvimento semelhante à curva da produtividade marginal do transporte, considerada no processo produtivo.

Tratando-se da distribuição dos produtos, e na mesma hipótese simplificadora de se identificarem custos de transferência e custos de transporte, e admitindo ainda que o mercado dos produtos é de concorrência perfeita, a procura do transporte é função da elasticidade da oferta dos produtos, dos preços dos produtos nos mercados de destino (preços de entrega) e dos custos marginais dos produtos, no local da produção (custos-base). A curva da procura do transporte apresenta desenvolvimento tal que a concavidade é voltada para a origem dos eixos; será o ramo da curva dos custos marginais, desde o umbral da produção até ao ponto em que o custo marginal-base iguala o preço de entrega.

Por estas considerações se pode aquilatar quão complexa se torna, para o transportador, a fixação dos preços de transporte das matérias primas, das matérias subsidiárias, dos produtos semi-acabados e dos produtos finais — afinal, o maior contingente do tráfego de mercadorias, e quanto mais fácil é, para o transportador, embora também de certo modo complexa, a fixação dos preços de transporte de passageiros que se deslocam por finalidade de ordem subjectiva—o maior contingente do tráfego de passageiros.

E esta complexidade é agravada nos sistemas económicos reais, em que os mercados que interessam as unidades de produção são de carácter oligopolista ou monopolista. Como é agravada ainda se vários meios de transporte se concorrem entre si, pois que, é intuitivo, a elasticidade da procura do transporte, específica para cada meio de transporte, é maior que a elasticidade da procura do transporte em relação ao sistema global dos meios de transporte concorrentes.



A vida portuguesa

há sessenta anos

«O que morreu de amor», de Júlio Dantas e «A Noite de Natal», de Júlio Brandão e Raul Brandão. Centenário do nascimento de Garrett. El-Rei D. Carlos expõe no «Grémio Artístico». Morte do jornalista Mariano Pina. É lançado à água o cruzador «D. Amélia», construído no Arsenal da Marinha. Morte do médico Manuel Bento de Sousa. Uma tourada de amadores no Campo Pequeno. Falecimento de Gaspar Ferreira Baltar, fundador de «O Primeiro de Janeiro». As eleições para deputados são ganhas, no Porto, pelos republicanos. Sarah Bernhardt vem a Lisboa.

Reportagem retrospectiva de REBELO DE BETTENCOURT

A «Gazeta dos Caminhos de Ferro» entra hoje, dia 16 de Março de 1959, em novo ano de existência. Como nos anteriores números especiais dedicados ao nosso aniversário, vamos, numa reportagem retrospectiva, embora escrita ao correr da pena, recordar e reviver alguns dos acontecimentos de maior relevo da vida portuguesa de há sessenta anos. Essas reportagens iniciaram-se aqui há precisamente doze anos. Alguns amigos da *Gazeta* habituaram-se a lê-las. Nós também gostamos de as escrever. Dá gosto relembrar coisas passadas. Reviver os tempos idos torna-nos mais fortemente agarrados à existência: vistas bem as coisas, como elas realmente são, sob o ponto de vista físico e sob o ponto de vista moral, ter um pé fincado no presente e o pensamento no passado, é viver duas existências. Recuemos, pois, sessenta anos.

Estamos em 1899. São muitos, aos milhares, felizmente, os sobreviventes dessa época, terminadas as Festas do Natal e Ano Novo, as cortes reabrem em Janeiro com o tradicional cerimonial, tendo El-Rei D. Carlos lido o Discurso da Coroa. Ao que parece, o mês de Janeiro decorreu calmo e feliz.

Nas livrarias do País, expõem-se os exemplares de um livro de um novo poeta de muito talento: *O Naufrago*, de Afonso Lopes Vieira e recorda-se o êxito da peça *O que morreu de amor*, de Júlio Dantas, no Teatro D. Amélia. No «Ginásio», em benefício de Joaquim d' Almeida, um dos maiores actores do seu tempo, representa-se a peça *A primeira pedra*, de Luís Galhardo.

D. João da Câmara, na revista «O Ocidente», de

Caetano Alberto, refere-se assim à produção do eminente presidente da Academia das Ciências de Lisboa: «*O que morreu d'Amor*, quatro actos de superior literatura, admiravelmente escritos, sentidamente desenvolvidos. Júlio Dantas, o autor do *Nada*, era sem dúvida um grande poeta. Como poeta cresceu; revelou-se o dramaturgo».

No desempenho, notabilizaram-se Rosa Damasceno e Maria Falcão, Eduardo Brasão, João Rosa e Augusto Rosa.

No D. Maria II, dois escritores de nomeada fazem auspiciosamente a sua estreia como dramaturgos: Júlio Brandão e Raul Brandão. A peça chama-se *A noite de Natal*.

Na manhã do dia 21, faleceu, com a idade de 69 anos, no paço episcopal da nobre cidade do Porto, o prelado diocesano D. Américo Ferreira dos Santos Silva. Era natural da freguesia de Massarelos, da capital nortenha.

Nesse mesmo dia, faleceu em Lisboa o vice-almirante António do Nascimento Pereira Sampaio, antigo governador de Cabo Verde, da Província de Angola e do Estado da Índia, e ajudante de campo honorário de El-Rei. Escritor, colaborou no *Diário de Notícias* sobre assuntos ultramarinos. Ao fundar-se a benemérita e patriótica Sociedade de Geografia de Lisboa, foi dos primeiros a filiar-se nesta instituição, de que foi presidente efectivo e honorário e, por último, presidente da respectiva Comissão Africana.

Fevereiro. A quatro deste mês decorre o centenário do nascimento de Almeida Garrett. De costela

açoriana, Garrett, glória nacional, é um dos grandes títulos de justo orgulho da cidade do Porto, onde nasceu. Poeta e dramaturgo — *O Frei Luís de Sousa* é uma obra-prima da literatura portuguesa — foi também um extraordinário orador parlamentar. A política seduziu-o e também, nesse sector, revelou qualidades invulgares de estadista. Deve-se-lhe a instituição do Conservatório e a construção do teatro de D. Maria II. Algumas publicações se editaram para celebrar a gloriosa figura do poeta e prosador. Citemos algumas: *A Garrett*, homenagem de Ana de Castro Osório e Paulino de Oliveira; *Madalena de Vilhena*, poemeto composto por Alfredo da Cunha e editado pela empresa do *Diário de Notícias*; *A Garrett*, «número único em homenagem à memória do insigne reformador da literatura, do teatro e do jornalismo português» — publicado pela Associação da Imprensa Portuguesa — director Alberto Bessa. A revista *O Ocidente* também publicou um número extraordinário. D. João da Câmara, que assina o primeiro artigo, diz, a certa altura: «Almeida Garrett sofreu muito em vida, não lhe faltaram inimigos traiçoeiros quando o julgaram fraco; muita vez teve que mandar limpar das botas a baba peçonhenta dos que pensavam ter dentes para mordê-lo. Eram os invejosos de suas glórias». Mais abaixo, quase a fechar o artigo, observa: «Trata-se agora de festejar o centenário do nascimento do poeta. Não será uma festa nacional, o que é deveras uma injustiça, mas servirá ao menos para dar maior realce a um nome glorioso e tanto basta para que a pequenina apoteose, entre as palmas de muitos, juntemos o nosso aplauso humilde».

No entanto, a Academia Real das Ciências de Lisboa dedicou uma sessão à memória do romancista do *Arco de Sant' Ana*; o teatro de D. Maria II organizou um espectáculo com versos de Bulhão Pato e um *a-propósito* de Marcelino Mesquita e no «D. Amélia» (hoje *S. Luís*) representou-se o *Alfageme de Santarém*.

Porém, onde o centenário de Garrett teve maior entusiasmo foi no Porto, por banda da mocidade, principalmente. Aos rapazes portuenses juntaram-se, em grande número, os estudantes de Coimbra.

O Carnaval em Lisboa decorreu, à parte algumas noites em casas ricas, sensaborão, devido, sem dúvida, à chuva que caiu durante a semana. Os teatros estiveram, contudo, animados. No D. Maria, a peça *Peraltas e Sécias*, de Marcelino Mesquita, estreou-se com êxito.

S. Carlos reúne, nos seus espectáculos, a sociedade elegante da capital. No «D. Amélia», Eduardo Brasão, um dos príncipes da cena portuguesa, efectua a sua festa artística com o *Otelo*. No «Condes», com o Valle, a revista *Agulhas e Alfinetes*, de Schwalbach, alcança enorme êxito. No «Trindade», o *Tim-tim por Tim-tim*, de Sousa Bastos, provoca enchen-tes todas as noites. No Ginásio, o teatro consagrado

das farsas, que tinham sempre a interpretá-las um conjunto admirável de artistas cómicos, a peça de Schwalbach — *Flor de Laranjeira*, mantém-se no cartaz por muitas e muitas noites. É um outro êxito.

Lisboa diverte-se, vai aos teatros, aplaude os artistas. O dinheiro talvez não seja muito, mas, bem distribuído por isto e por aquilo, chega para tudo. O que é preciso é que as notas circulem e não apodreçam no mealheiro ou nos bancos. Águas paradas não moem moinhos. Dinheiro parado não enriquece a Nação.

A nota triste do mês foi o temporal que caiu sobre o País. No Porto e em Espinho as inundações foram de tal volume que se deram desabamentos de alguns prédios. A cheia destruiu a via férrea entre a Granja e Espinho. No Tejo, foi pior. Em algumas povoações edificadas nas margens deste rio, os estragos foram ruinosos. Azambuja, Ródam, Valada, Alhandra, Vila Franca de Xira, Golegã e Ribeira de Santarém foram as terras mais castigadas.

Arranquemos mais uma folha ao calendário. Eis que nos surge o mês de Março. No dia 3, uma figura marcante desaparece do convívio dos seus contemporâneos: o poeta José Simões Dias, autor do livro *Peninsulares*. Morreu prematuramente, quando ia completar 48 anos, pois havia nascido em 30 de Março de 1851, na aldeia Benfeita, do concelho de Arganil. Os seus preparatórios fizeram-se no Liceu de Coimbra. Terminados estes, seguiu para o Seminário, onde concluiu o curso de teologia. Como a vida sacerdotal não era — reconheceu-o, felizmente, a tempo — a sua vocação, matriculou-se em Outubro de 1863 na Universidade, formando-se em Direito cinco anos mais tarde.

Simões Dias, grande poeta do seu tempo, foi professor de português, francês, latim, economia rural e administração pública em Elvas, cadeiras essas criadas por lei de Martins Ferrão. Vindo para Lisboa em comissão para o Ministério da Justiça, seguiu, poucos anos depois, para o liceu de Viseu, como secretário. À data do seu falecimento, regia a cadeira de literatura no liceu de Lisboa. Como jornalista, dirigiu o *Correio da Noite*, e fundou o jornal *O Globo*. Em política, filiou-se no Partido Progressista e foi eleito por vários círculos.

Publicou vários volumes sobre literatura. Traduziu duas obras de Balmes sobre Filosofia.

No teatro de S. Carlos cantou-se a nova ópera *A Serrana*, com música de Alfredo Keil e poema de Lopes de Mendonça. Dirigiu-a o maestro Campanini e a protagonista foi desempenhada pela grande cantora Eva Tetrzzini, que foi ovacionada pelo público bem como os outros intérpretes.

No teatro do Ginásio, que era o teatro da farsa por excelência, sobe, porém, à cena um drama de Ibsen — *Casa de Boneca*. Lúcia Simões, filha da grande Lucinda, obtém na protagonista um êxito clamoroso.

O «Grémio Artístico» realiza no edificio da Academia de Belas Artes a sua nova exposição. Presidiram à inauguração El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia, ambos amigos dos artistas e ambos talentosos cultores da arte.

D. Carlos expõe um admirável desenho a pastel: *O levantar de uma armação do atum*, na costa algarvia. Malhoa dois quadros pitorescos: *As papas* e *No forno* e um retrato da sr.^a D. Eugénia Relvas. Luciano Freire, Salgado, Ramalho, Carlos Reis, Condeixa, José de Brito apresentam também obras de grande mérito. Expõem também algumas senhoras.

Em escultura aparecem apenas duas obras: um busto de Costa Mota e um esboço para o monumento a Mouzinho de Albuquerque.

Augusto Rosa faz, no «D. Amélia», a sua festa artística. Casa cheia. Ele, o moço João e Eduardo Brasão, são os actores que têm o público de Lisboa nas mãos. Representaram-se, três peças: a comédia francesa num acto *O Desquite*, a *Mantilha de Renda*, de Fernando Caldeira e o *Auto Pastoril Português*, de Gil Vicente.

Naquele mesmo teatro estreia-se a peça *Falstaff*, do académico José de Sousa Monteiro, um nome hoje esquecido.

Na livraria Gomes, ao Chiado, inaugura-se uma exposição de rendas, sob a direcção da exímia artista D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, irmã do grande pintor Columbano.

Fecha-se o mês de Março com o falecimento, em S. João do Estoril, do jornalista Mariano Pina. Natural de Alcobaça, estreia-se no jornalismo no *Diário da Manhã*, de que fora fundador Manuel Pinheiro Chagas. Por morte de Guilherme de Azevedo, vai para Paris exercer as funções de correspondente da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Durante a sua longa estadia na capital francesa, fundou *A Ilustração*, que foi, no género, uma das melhores do tempo. Nessa publicação colaboram alguns dos maiores escritores portugueses de fins do século XIX. De regresso a Lisboa, fundou *O Nacional* e, depois, o *Espectro*, que tiveram efémera duração. Bastante activo, fez parte das redacções do *Diário Popular*, *Correio Nacional* e, à data da sua morte, era redactor do *Jornal do Comércio*. Vitimou-o a tuberculose.

Abril. Primavera. No D. Amélia, o público continuou a aplaudir, em várias e assombrosas criações, a grande atriz espanhola Maria Guerrero. Acompanha-a, como actor, seu marido D. Fernando Diaz de Mendoza, um fidalgo cultíssimo que abandonara a carreira diplomática, por, apaixonado pela notável artista, ter também, em alto grau, uma grande vocação para a arte de representar.

No dia 6, o conselheiro Luís de Magalhães, filho do ilustre orador José Estêvão, inaugura, na Real Associação Central de Agricultura Portuguesa, uma série de conferências.

Um acontecimento naval se verifica no dia 10: o lançamento à água do cruzador *D. Amélia*, construído no nosso Arsenal, sob a direcção do engenheiro francês Croneau, que em 4 de Janeiro de 1897 tomara posse do cargo de director daquele estabelecimento naval, cuja remodelação se levava a cabo por iniciativa do conselheiro Dr. Jacinto Cândido, quando ministro da marinha. O engenheiro Croneau, que se fizera acompanhar de dois técnicos franceses, tinha como seu adjunto o capitão-tenente da Armada Polycarpo de Azevedo. Ao lançamento do «*D. Amélia*» seguiram-se, em breve espaço de tempo, os dos cruzadores *D. Carlos*, *S. Gabriel* e *S. Rafael*.

No salão do Conservatório, na noite de 16, fez-se ouvir o pianista Alexandre Rey Colaço. O programa abriu com o quarteto op. 47 de Shumann, executado pelo grande artista, e por Hussla, Gerochey e Cunha e Silva. A sonata *Passionata*, de Beethoven, teve em Rey Colaço um grande intérprete. Algumas senhoras colaboraram no concerto: madame Ada Wernstein, que recitou um monólogo em francês; e as alunas do Conservatório: Júlia Estêvão da Silva, Alice Marques, Mariana Gonçalves, Cecília Lopes e Delfina Nunes Victor, que cantaram vários trechos de música.

Em favor das Cozinhas Económicas, realizou-se no último domingo do mês, na Avenida da Liberdade, uma animada batalha de flores. Milhares de pessoas, vindas de fora de Lisboa, assistiram à elegante festa, que foi dirigida pelo sr. Jaime Artur da Costa Pinto. A decoração da Avenida foi orientada pelo distinto architecto Rozendo Carvalheira. Entre os carros que mais se distinguiram pelas suas ornamentações, figuravam os da Sociedade Nacional de Horticultura, Condes de Burnay, comendador Nicolau Pinto, D. Laura Ferreira Pinto Basto, conde de Sabugosa, condessa de Gouveia e filha, e outras pessoas da sociedade lisboeta.

O júri de classificação concedeu o primeiro prémio ao carro da família Pinto Leite.

No dia 29 decorre o falecimento do professor da Escola Médica de Lisboa, Manuel Bento de Sousa. Grande clínico e grande operador, era possuidor de uma notável cultura literária. Deixou, entre outros trabalhos, um volume sobre *A Psicose de D. Sebastião*. Uma publicação, ao dar a notícia do seu falecimento, disse: «Alheio sistematicamente à política partidária, muitas vezes o seu conselho sábio foi pedido pelos ministros de todos os partidos sobre questões de saúde pública; e o último e largo serviço que prestou foi em 1894, quando, com outros professores, foi agregado à Junta Consultiva de Saúde, para tratar da epidemia, que então se estendia sobre Lisboa, tão benigna quanto generalizada».

Voltemos mais uma folha ao calendário. Maio florido merece algumas palavras de comentário. Duas esquadras, uma inglesa e outra alemã, entram no

Tejo em visita de cortesia. As ruas de Lisboa animam-se com centenas de marinheiros. Os estabelecimentos comerciais fazem bom negócio. Em honra dos nossos hóspedes fizeram-se festas, recepções no Palácio da Ajuda, bailes nas legações, almoços a bordo, banquetes na Sala do Risco do Arsenal.

Os dias passaram a galope. Arrancou-se uma nova folha do calendário. Adeus, mês de Março.

No domingo, 25 de Junho, realizou-se, na Praça do Campo Pequeno, com uma enchente, uma linda tourada de amadores em benefício do Instituto D. Afonso. Quem, à última hora, se resolveu assistir ao espectáculo, teve que pagar, por preços altos, as suas entradas. Promoveu a tourada a rainha D. Maria Pia. O Visconde de Asseca foi quem, às quatro e vinte minutos da tarde, mandou tocar a principiari.

À noite, a Rainha D. Maria Pia ofereceu no Paço da Ajuda um banquete aos toureiros amadores, ao qual assistiram o Infante D. Afonso e os directores do Real Clube Tauromáquico.

No dia 29 deste mesmo mês, morre no Porto, com a idade de setenta e oito anos, o fundador de «O Primeiro de Janeiro», — Gaspar Ferreira Baltar. Natural de Penafiel, emigrou para o Brasil, em rapaz, e ali conseguiu no comércio, à força de trabalho, de inteligência e de economias, amealhar uma grande fortuna. No Porto, soube conquistar a consideração de toda a gente pela nobreza do seu carácter e, evidentemente, pelo prestígio do seu jornal, que era colaborado por alguns vultos dos mais ilustres daquele tempo como Latino Coelho, Emígdio Navarro, José Maria de Alpoim, Germano Meireles e outros.

Em Julho pouco há a assinalar.

No dia 23 faleceu o Visconde de Melício. Tendo nascido no Rio de Janeiro, a 27 de Janeiro de 1837, veio, muito criança ainda, para Portugal, pátria de seus pais, tendo-se formado em Direito na Universidade de Coimbra. O jornalismo apaixonou-o, tendo começado a colaborar no «Comércio do Porto» em 1864, de que foi, durante muitos anos, correspondente em Lisboa. Foi um dos fundadores, em 1880, da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses. Em política, foi um dos mais fiéis adeptos do partido progressista. O duque de Loulé estimava-o particularmente. Foi par do reino electivo e além de ter sido, deputado, em várias legislaturas, exerceu os cargos de redactor da Câmara dos Deputados e comissário régio junto da Companhia dos Tabacos. Na Exposição Universal de Paris, que constituiu, em 1889, um grande acontecimento europeu, desempenhou também ali as altas funções de comissário régio, recebendo então de El-Rei D. Luís o título de visconde.

Desfolha-se mais uma vez o calendário. Estamos agora em Agosto. Era, até então, um mês calmo. Mas, com a peste bubónica no Porto, aliás relativa-

mente benígna, os ânimos requeentam-se e a exploração política — pecha do País — inventa, calunia, insulta e quando não insulta, insinua. O pior é que os jornais espanhóis não se alheiam do caso. Um deles estampou este eco: «O nosso ministro, em Lisboa, telegrafou ao governo participando-lhe que o presidente do conselho de ministros do reino vizinho se negara a estabelecer o cordão sanitário ao redor do Porto, assumindo a responsabilidade dessa decisão. Os representantes estrangeiros acreditados em Lisboa protestaram contra a resolução adoptada pelo chefe do governo português».

A «Época», de Lisboa, comentou assim o caso: «As intrigas políticas venceram. Quando o governador do Porto já estava adoptando disposições para o isolamento da cidade, o governo teve medo dos motins e desistiu de estabelecer o cordão sanitário do Porto. O presidente do Conselho de ministros assume a responsabilidade da medida. Se a epidemia se alastrar por Portugal e se prolongar aos outros países, que responsabilidade pode ser exigida ao chefe do governo comparável ao dano enorme que isso pode causar à humanidade?»

Quanto a teatros, está apenas aberto o da Trindade, com a companhia de revista e opereta dirigida pelo empresário Afonso Taveira.

No dia 9 corre a notícia do falecimento, em Guimarães, do notável arqueólogo dr. Francisco Martins de Gouveia Martins Sarmento. Nascido a 10 de Junho de 1874, e tendo-se formado em Direito, aos 20 anos, na Universidade de Coimbra, bem cedo também começou a dedicar-se aos estudos arqueológicos, iniciando a sua brilhante folha de serviços com as célebres explorações da Citânia, no concelho de Guimarães.

O «Diário de Notícias», de 11 de Agosto de 1899, ao noticiar, em correspondência de Guimarães, o seu falecimento, revela que o ilustre homem de ciência, no seu testamento, legara à Sociedade Martins Sarmento, ainda hoje existente e proprietária do Museu de Arqueologia Monumental, parte do monte de S. Romão, freguesia de Briteiros onde estão as ruínas da Citânia e Sabroso; a sua valiosa biblioteca; a quinta do Carvalho, freguesia de Salvador de Briteiros, para assegurar a continuação das excavações da Citânia; e o seu palacete do Largo do Carmo, para ali se estabelecer qualquer instituição de carácter científico.

A França, em reconhecimento dos seus altos méritos, fê-lo cavaleiro da Legião de Honra, de que, aliás — afirmou-o escritor D. Francisco de Noronha — não consta que ele tivesse usado a respectiva insígnia.

E a propósito ainda dessa honrosa condecoração, D. Francisco de Noronha, no n.º 744, 22.º ano, XXII volume da revista *Ocidente*, escreve este comentário:

«E ao passo que um governo estrangeiro demons-

trou assim não lhe serem indiferentes os méritos pessoais de um português de nascimento ilustre e de obras preclaras, olvidaram os governos da sua terra querida os testemunhos de deferência que a justiça e o bom senso mandam conceder aos vultos gloriosos. Não o seduziu por certo nem o envaideceria nunca a posse de veneras nacionais, pois o Dr. Martins Sarmiento não ignorava que neste país ocidental das praias lusitanas alcançam-se facilmente condecorações a troco de um bandeamento eleitoral e de algumas dúzias de libras em moeda equivalente; mas o que devia calar desagradavelmente no mais fundo da sua consciência de homem honesto era a ingratidão dos seus compatriotas dirigentes».

Anotemos outro falecimento, a 16 deste mesmo mês de Agosto: o do jornalista e escritor portuense Manuel Rodrigues. Foi um dos fundadores, na capital do Norte, da Associação dos Jornalistas. Autor de algumas novelas, a obra que o consagrou e popularizou no seu tempo intitula-se *Rosa do Adro*.

Setembro é o mês das praias. Paço de Arcos, Estoril, Cascais, Nazaré e Ericeira estão cheias de animação.

Rafael Bordalo Pinheiro, caricaturista e ceramista de génio, regressa do Brasil, onde foi alvo de inequívocas provas de simpatia e de admiração. Irmão de Columbano, deve-se-lhe uma obra que honra o nosso País. Para conhecer essa obra, o leitor deve visitar, no Campo Grande, o Museu com o seu nome e que foi doado generosamente à cidade pelo poeta Cruz Magalhães.

Outubro. Em plena estação outonal. Mas o Outono — escreveu um cronista — anunciou a sua entrada com três noites de trovoadas e uma madrugada de chuva copiosa. O mau tempo assustou, e com razão, a população de Lisboa: no Porto, reina ainda a peste. Felizmente, as chuvas que caíram não fizeram alastrar a epidemia. São grandes as esperanças postas no combate à terrível doença, pois na batalha travada pelos vivos contra a ameaça da morte — e muitas foram as vítimas — encontra-se, na primeira fila, o sábio bacteriologista Dr. Ricardo Jorge, um grande nome na medicina e na literatura.

Os teatros vão reabrir. No «D. Maria II» e no «D. Amélia», onde funcionam duas grandes companhias, os seus respectivos reportórios serão acrescentados com novas peças; no «Trindade» ensaia-se uma mágica de Eduardo Garrido; no «Condes» vai reaparecer, ao lado do actor Valle, a actriz Mercedes Blasco, na última revista de Schwalbach; o «Ginásio» abrirá as suas portas com o seu hilariante programa de farsas e um esplêndido elenco, em cuja cabeça se encontra o comediante Joaquim de Almeida.

Há sessenta anos, Lisboa era menos populosa e, no entanto, as nossas casas de espectáculos recebiam, para gozo espiritual do público, os grandes nomes dos palcos estrangeiros. Anunciam-se as próximas actuações das companhias de Sarah Bernhardt,

da Granier, da Jane Hading, da Réjane. Lisboa, com essas embaixadas, torna-se, sem favor, uma grande capital europeia, tanto mais que, no respeitante aos nossos artistas, o teatro português vivia, então, a sua época mais brilhante, com actores e actrizes que podiam ombrear com os maiores vultos de outras nações.

Sarah, a grande, a excelsa, a maravilhosa Sarah Bernhardt, teve o condão de prolongar, com glória, a sua mocidade. Era elegante e magra, de uma magreza espiritual. Distinta, pequena, ela, contudo, enchia um grande palco. Tinha talento. Era um genial temperamento de comediante.

A propósito da sua magreza, alguém contava, com espírito: «Chega uma carruagem, sem ninguém dentro. Todavia, segundos depois, apeia-se um vulto. E que vejo eu? A Sarah Bernhardt!»

No dia 15 de Novembro, faleceu, contando apenas 36 anos de idade, o sábio bacteriologista dr. Luís da Câmara Pestana. Era natural da Ilha da Madeira. Com efeito, o ilustre médico nasceu no Funchal, em Novembro de 1863 e no Liceu daquela cidade concluiu parte dos preparatórios. Formou-se, em 1889, na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa. A tese apresentada versou sobre o *Micróbio do Carcinoma*. Nesse mesmo ano, reconhecida a sua alta competência, foi nomeado médico-cirurgião do hospital de S. José e, pouco depois, chefe de clínicas da Escola Médica. Em 19 de Agosto é nomeado director do Instituto Bacteriológico. Foi um homem de bem. Homens de bem são todos os homens de ciência. Quase a expirar — segundo o que, em *O Ocidente*, escreveu o grande D. João da Câmara — o dr. Câmara Pestana deixou, ao seu amigo dr. Belo de Moraes, uma carta à Rainha D. Amélia, solicitando-lhe que continuasse a proteger o Instituto Bacteriológico.

Câmara Pestana foi vítima da peste bubónica, que grassava no País, principalmente no Porto. Dias depois do seu falecimento, as associações e várias escolas promoveram, no cemitério do Alto de S. João, uma grande homenagem à sua memória. Em nome do Governo, falou o conselheiro Alpoim; o Conde de Restelo fez uso da palavra, em nome da Câmara Municipal. Pela Universidade de Coimbra, falaram os Drs. Daniel de Matos e Bernardino Machado. Em nome da Escola Médica de Lisboa, pronunciou um discurso o Dr. Alfredo Costa.

No dia 26, realizam-se eleições para as novas Cortes constituintes.

D. João da Câmara, grande dramaturgo e o autor dessa obra-prima do teatro português que é «Os Velhos», coração de ouro, monárquico sincero, não só por inteligência, por cultura e por sentimento — e só por sentimento, cultura e inteligência é que se pode ser verdadeiramente monárquico — D. João da Câmara, comenta, imparcialmente, em «O Ocidente», as eleições nestes termos:

«Máquina eleitoral bem montada, engrenagens encebadas a preceito, um simples esforço no braço de uma alavanca... e uma linda maioria a surgir como por encanto! A velha história.

«Como notas estranhas na sinfonia toda paz, apenas as eleições em Palmela, onde o Governo guerreava a candidatura do sr. Conde de Burnay, e no Porto, onde a lista republicana venceu por grande maioria de votos.

«O Governo — continua D. João da Câmara — anunciou pelos órgãos mais autorizados do partido progressista que se desinteressava completamente da eleição na capital das províncias do norte, onde as medidas tomadas, quando do aparecimento da peste bubónica, tinham contra ele levantado séria oposição em todas as classes. Mas nem por isso os agentes do Governo haviam deixado de trabalhar na sombra, afirmando-se até que era recomendada por eles a lista chamada dos protestantes».

E D. João da Câmara acrescenta e informa:

«Teremos, portanto, fazendo parte da nova Câmara Constituinte, três deputados republicanos, os srs. Dr. Afonso Costa, Dr. José Falcão e Xavier Esteves. Em Lisboa quase não houve oposição, visto o movimento da concentração monárquica que entre progressistas e regeneradores se operou por iniciativa do sr. Conselheiro Hintze Ribeiro. Se, portanto, não contarmos o Porto e um outro círculo de somenos importância, o País assistiu com a maior indiferença ao acto eleitoral em que a maioria dos eleitores nem sequer tomou parte, aproveitando o tempo bonito e os ócios do domingo para passear e divertir-se, imitando o exemplo do Chefe da Monarquia, que nesse dia, em Mafra, matou, como atirador muito distinto que é, vinte e tantas galinhas!»

A época vai boa para os teatros, que se enchem todas as noites. No «Rua dos Condes» festeja-se a centésima representação da revista *Agulhas e Alfinetes*, de Eduardo Schwalbach. O público manifesta ao eminente jornalista, comediógrafo, dramaturgo e revisteiro, a sua simpatia.

Vem a Lisboa a grande actriz francesa Sarah Bernhardt. Tem, nessa altura, cinquenta e muitos anos, e, no entanto, a sua beleza, como o seu talento, deslumbram o público. Ninguém a superou até hoje na tragédia. Representou a *Tosca*, *Hamlet*,

A Dama das Camélias e outras peças que só artistas de génio, como ela foi, podem e sabem interpretar.

Estamos agora em Dezembro. No dia 7 é reposta no *D. Maria II*, com belos cenários de Manini, o melhor drama da literatura dramática portuguesa — *Frei Luís de Sousa*. O público acorre, interessado.

Em *S. Carlos* apresenta-se, com a sua companhia, a notável actriz francesa Réjane. O êxito foi enorme. Entre as peças representadas, as mais aplaudidas foram *Madame Sans-Gêne* e *Zaza*.

No *D. Amélia* representa-se a nova peça de Lopes de Mendonça — *Amor Louco*. No mesmo teatro estreia-se como autor dramático o jornalista Manuel Penteado, na récita artística da actriz Maria Pia de Almeida.

No dia 9, falece, súbitamente, em Lisboa, o distinto pintor José Ferreira de Chaves. Discípulo de António Manuel da Fonseca e de Francisco Metrass, dedicou-se à pintura de flores, de natureza morta e ao retrato. Fez parte da Sociedade Promotora, a cujas exposições concorria.

Na Exposição Internacional do Porto e na Exposição Internacional de Madrid de 1871, os seus quadros foram muito apreciados».

Por morte do pintor Lupi, foi chamado a reger interinamente a cadeira de pintura histórica, sendo um dos seus melhores discípulos o grande artista José Veloso Salgado.

Como nota de interesse nacional, para fechar este breve resumo dos acontecimentos mais importantes do ano de 1899, diremos que a nossa Marinha de Guerra se compunha, naquele ano, de sessenta unidades. Nem todas elas foram encomendadas aos estaleiros de Inglaterra, França e Itália. Algumas, porém, para orgulho dos portugueses, foram construídas em Lisboa:

O *Cruzador D. Amélia*, as canhoneiras *Quanza*, *Diu*, *Vouga*, *Tejo*, *Douro*, *Ave*, *D. Luís*, *Zambeza*, a corveta *Duque de Palmela* e outras pequenas unidades.

Desses navios de guerra construídos na capital, o mais antigo é de 1864 — a corveta *Duque da Terceira*.

Eis, em resumo apressado, escrito ao correr da pena, o que, em 1899, isto é, há sessenta anos, houve de mais saliente na vida portuguesa.



AS FESTAS EM PORTUGAL**Inauguração do Caminho
de Ferro da Beira Alta****Viagem da Família Real
Notas e recordações de viagem**

por B. WOŁOWSKI

*Tradução, prefácio e anotações do dr. Busquets de Aguilar***X****De Mangualde à Fronteira Espanhola**

Um dia de descanso em Mangualde bastou para dissipar as fadigas da rainha, e no dia seguinte retomou-se o caminho para visitar a segunda secção da construção do sr. Dauderny, estendendo-se até à fronteira espanhola.

Esta parte de Portugal foi até ao presente de alguma forma separada do resto do mundo. Na medida em que se afasta do Oceano e que se aproxima de Espanha, o país é menos cultivado, o solo torna-se pedregoso, árido.

De vez em quando a vista encanta-se com algum vale sedutor. Estes espectáculos são raros, e da Guarda a Vilar Formoso o aspecto da região não possui nada de atraente.

As pequenas povoações ou centros habitacionais mais importantes encontram-se a uma distância de 4, 5, e algumas vezes de quinze quilómetros do traçado do caminho de ferro. A estrada é ainda mais monótona.

A estação de Gouveia distinguiu-se verdadeiramente. A massa do povo tinha acampado sobre os rochedos muito altos que limitam a linha. Uma latada humana em anfiteatro! O conjunto valia a pena e o pincel de um pintor de talento teria tirado curiosos efeitos.

Celorico, como todas as outras estações, estava em festa. Imensa multidão por toda a parte. Camponeses e camponesas. O comboio, vindo da fronteira que cruzámos nesta estação, estava embandeirado.

A Câmara Municipal de Pinhel apresentou-se com uma soberba bandeira branca bordada ricamente com as armas da cidade. Uma tribuna cheia de senhoras, na maior parte muito bonitas.

Às 7h e 41^m da manhã o comboio real entrava na estação da Guarda, situada a 5 quilómetros da cidade do mesmo nome, capital do distrito.

O rei devia, na volta da fronteira, onde a Companhia oferecia um almoço à família real e aos convidados, vir visitar a cidade da Guarda.

Deixei o comboio real nesta estação; não posso descrever directamente a chegada à fronteira, a Vilar Formoso. Contaram-me que a recepção foi extraordinariamente calorosa. Além dos camponeses vindos de muitas léguas em redor, os Espanhóis atravessaram a fronteira em grande número e notavam-se bastantes oficiais do exército espanhol fardados.

A estação estava muito bem ornamentada e uma recolha de máquinas foi transformada em sala de jantar, decorada com muito gosto. O sr. Bartissol, director da Companhia, merece as nossas mais sinceras felicitações pelos cuidados que tomou nesta viagem por todos os convidados do rei e da Companhia.

De Mangualde à Guarda e da Guarda a Vilar Formoso, 122 quilómetros, a linha foi construída, disse-o mais acima, por um segundo empreiteiro, o sr. Dauderni.

O sr. Coronel Eça, director da fiscalização da linha, conquistou igualmente as simpatias junto do pessoal do caminho de ferro. Pratiquei uma injustiça omitindo o seu nome. Aqueles que tomaram uma

parte meritória qualquer na construção em Portugal de este caminho de ferro de utilidade internacional, são todos referidos neste relato.

Guarda

Deixando os meus companheiros do comboio real prosseguir a sua viagem até à fronteira, empreguei o tempo que me restava a visitar a interessante cidade da Guarda.

O sr. Tomás Ribeiro, ministro do Reino, que o mundo das letras tem o direito de reivindicar, porque é um escritor e um poeta de grande talento, teve a gentileza de me confiar aos cuidados amáveis do governador civil da Guarda, sr. José Joaquim de Sousa Cavalheiro.

Este distinto funcionário, sendo obrigado pelos deveres do seu cargo a acompanhar suas majestades, procurou na estação alguém que pudesse falar um pouco de francês, e chamou uma pessoa que se pôs à minha disposição, com a delicadeza habitual dos portugueses.

Era o sr. João Manuel Martins Manso, professor de Legislação no Liceu da Guarda.

A cidade da Guarda está admiravelmente situada no cimo de um monte. Uma magnífica estrada contorna esse monte. Mas a carruagem era muitas vezes obrigada a ir a passo, de tal forma o declive é acentuado.

O meu cicerone amador compreendia bastante bem francês, mas falava pior. Assim os esforços inauditos para se fazer compreender de mim e manter a conversação.

Enfim chegámos ao cimo do monte, onde um arco de triunfo com plantas apresentou-se em primeiro lugar aos nossos olhos. Era ali que a Câmara Municipal devia esperar a chegada dos soberanos. A estrada encontrava-se juncada de flores e de verdura.

O sr. Martins Manso conduziu-me em primeiro lugar ao hotel. Não havia quarto disponível. O hotel na Guarda não era mau e a comida suportável.

A cidade é aparentemente muito limpa. As ruas principais estavam todas embandeiradas e no percurso erguiam-se quatro arcos de triunfo. O primeiro, na entrada da cidade, ornamentada com plantas, os outros mandados fazer pela Associação Comercial, e pela Câmara Municipal, e a Junta Geral (que representa o distrito).

Uma destas portas triunfais era sobrepujada por uma estátua representando a Indústria.

A Praça Camões é um magnífico terreiro bastante espaçoso na qual está situada a Sé. Fomos visitá-la.

A Sé foi acabada no reinado de D. João III. No limiar da Sé encontrámos o sr. Lúcio Augusto de Andrade, secretário da administração, que se juntou a nós para fazer-nos as honras da cidade.

A Sé da Guarda está dividida em três naves. O

altar-mor encontra-se guarnecido com imagens douradas, entre outras, a de Jesus Cristo conduzindo a cruz. O cadeiral dos cônegos é de madeira preta com dourados.

Uma escada ornada de azulejos conduz ao coro, cujas cadeiras são de madeira trabalhada. As paredes do coro estão cobertas duma espessa cor verde, sinal evidente de antiguidade.

O exterior da igreja é velho. No cimo, pequenas torres de pedra de estilo piramidal. De longe estas numerosas pequenas torres dão à igreja a ilusão do estilo gótico. Quando o tempo está claro, a vista estende-se até Espanha, sobretudo colocando-se do lado da Praça Camões.

A porta principal tem duas colunas laterais, de um estilo muito antigo, esculpidas na pedra e de um efeito muito gracioso. Está colocada entre duas torres abertas com janelas góticas.

A porta lateral, do mesmo estilo, não tem colunas. Duas pequenas torres mais estreitas que as outras que se encontram na porta principal flanqueiam-na dos dois lados.

O castelo da cidade é uma torre próximo da Sé, num montículo sem vegetação.

A Torre dos Ferreiros, um observatório com duas portas que se abrem para as ruas, contava-se entre as curiosidades da cidade.

A igreja da Misericórdia, com duas torres, não tem nada de especial. Ao lado encontra-se o hospital civil, fundado pela cidade, no qual existem 60 camas. O número de doentes atinge por ano cerca de 4000. Conserva-se muito limpo.

O palácio do bispo, construído com um só andar e com janelas antigas, é contíguo ao seminário. A cidade termina no Campo de S. Francisco com um quartel de infantaria.

O palácio do governo civil não possui nada de especial. As salas não são grandes, de modo que a merenda oferecida a suas Majestades e aos convidados não pôde efectuar-se na mesma sala.

O salão, onde estava colocada a mesa real, só podia comportar 24 pessoas. A outra sala de jantar tinha 36 talheres. Não tiveram lugar todos os convidados, e muitos, como eu, deixaram a Guarda sem jantar.

As ruas em que devia passar o cortejo estavam guarnecidas com plantas e ornamentadas com lâmpões e flores nos mastros.

Depois do nosso passeio através da cidade, o meu amável cicerone conduziu-me à Praça Camões a casa do sr. Manuel Lopes de Sousa, habitada pela Senhora D. Teresa Augusta Gomes, onde pude ver da janela a chegada do cortejo real e o esplêndido espectáculo que apresentava a animação na praça. Havia na residência da minha hospedeira uma numerosa sociedade: muitas senhoras, das quais nenhuma sabia francês. Falámos por gestos. Estas amáveis pessoas, tendo sabido que eu era um jornalista es-

Publicações recebidas

Companhias Reunidas Gás e Electricidade — (Exercício de 1958).

O Relatório, referente ao exercício de 1958, do Conselho de Administração das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, além dos elementos estatísticos, e de mapas, relativos à expansão dos seus serviços, informa-nos também sobre os trabalhos realizados e as obras sociais de que beneficia o pessoal desta importante empresa, entre as quais figura um dispensário anti-tuberculoso.

O lucro líquido do exercício de 1958 foi de 64.181.258\$121 tendo sido de 4.756.727\$19 o saldo do exercício anterior.

Anuário da Província de Moçambique

«O Anuário da Província de Moçambique», de que recebemos a 41.^a edição ou seja o volume referente ao ano de 1958, continua a ser um repositório de informações interessantes sobre a história, a vida e as actividades daquele nosso território da África Oriental.

Editado pela firma A. W. Bayly & C.^a, Lda., este Anuário representa um valioso auxiliar de quem deseja conhecer Moçambique sob os aspectos comercial, industrial, cultural e turístico, não tendo sido esquecidos nas suas referências os caminhos de ferro e o turismo.

Agradecemos aos editores o exemplar oferecido a esta Redacção.

trangeiro, não quiseram de maneira alguma permitir que ficasse por detrás delas. Como insistisse, ameaçaram-me de se ir embora e fui obrigado a ceder e conservar o melhor lugar da janela.

À 1h 40^m da tarde os sinos assinalaram a chegada do rei. A multidão fazia alas e dava vivas. Nunca vi em parte alguma maior entusiasmo.

Fiquei verdadeiramente bastante surpreendido de encontrar na Guarda muitas bandas de música das aldeias do distrito. São associações que se formam, como em França, para cultivar a arte musical.

Assim em Teixoso, onde há cerca de 3.000 habitantes e 750 casas, os conterrâneos fundaram uma orquestra muito bem constituída, cujos membros usam um uniforme pitoresco, casaco preto com o peito azul e enfeites amarelos, barrete azul. Uma verdadeira banda militar.

A assinalar ainda a banda de Manteigas, a de Castanheira, pequenas localidades bastante afastadas da Guarda.

Quem podia pensar que os Portugueses fossem desta forma artistas?

Boletim do Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra — (Suas actividades durante o ano de 1958).

O «Centro de Cardiologia Médico-Social de Coimbra», de que é director o ilustre Professor de Clínica Médica, sr. Doutor João Porto, tem jus à gratidão da população da cidade pela obra de assistência que tem levado a cabo, principalmente desde 1946, data em que o Serviço Social começou a fazer-se com a devida regularidade.

É uma obra admirável a sua. Para se fazer ideia do volume da assistência, prestada por este Centro, desde 1946, até final de 1956, isto é, no decurso de 10 anos, basta dizer-se que o número de inscrições no Dispensário, ou seja o de doentes observados, foi de 5.027, o de consulta de 22.535 e o de tratamentos de 79.673, tendo sido acima de duas centenas o número de cardíacos colocados pela Assistência Social em profissões de mais suave esforço físico nos vários estabelecimentos ou empresas da cidade ou arredores.

O movimento do Centro no ano social de 1958 foi grande, e nele então compreendidos, além dos números referentes a tratamentos e consultas, os respeitantes a donativos, a refeições na Cozinha Económica, ou medicamentos e assistência religiosa.

De especial interesse, o artigo *Importância social das doenças do coração*, assinado pelo sr. Prof. João Porto.

Vendedora de Tecidos, Limitada

Armazém de Lanifícios

Rua da Prata, 279, 1.^o - Telef. 24214 - LISBOA-2



LANIFÍCIOS

GABARDINES

SAMARRAS

CASACOS E CALÇAS

ALGODÕES E SEDAS

CARPETES E TAPETES

MODAS E NOVIDADES

CAMISARIA



Aos melhores preços

A visita, em caminho de ferro,

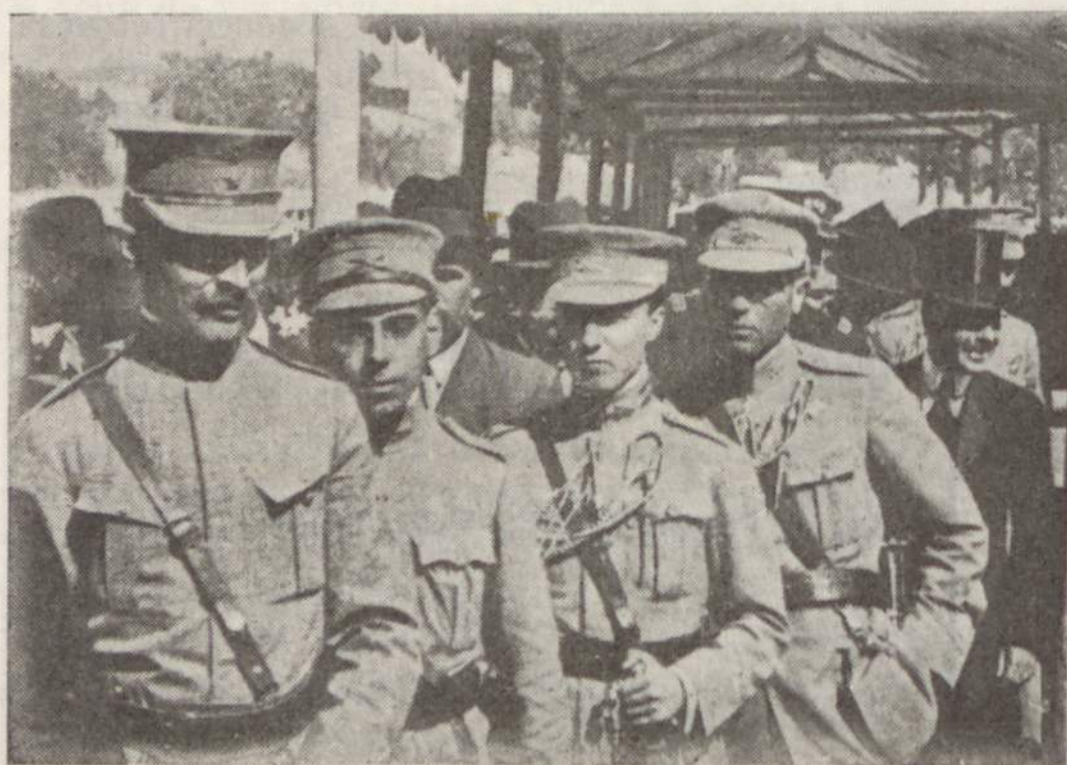
do Presidente Sidónio Pais

à cidade de Elvas em 1918

Por EURICO GAMA

À SAUDOSA MEMÓRIA DE FERNANDO CAMPOS

EM Junho de 1918 o Presidente Sidónio Pais visitou a histórica cidade fronteiriça de Elvas e toda a sua viagem constituiu um triunfo. A figura galharda e varonil de Sidónio, que vencera valorosamente o 8 de Dezembro, restituindo ao País desiludido a Fé nos altos destinos da Pátria, era em todo o lado acolhida com extraordinárias demonstrações de regozijo. De Norte a Sul o seu nome apre-



Sidónio Pais visitando a Exposição Agrícola de Elvas em Junho de 1918

sentava-se aureolado dum esplendor solar. Portugal vivia alegremente e numa confiança cega o momento de Sidónio. Todos lhe queriam porque dele esperavam a salvação. A Pátria já então estava moribunda e essa arrancada admirável dos cadetes de Sidónio vinha na hora própria levantar a Nação prestes a despenhar-se no maior dos abismos. A história desse feito lindíssimo está escrita e bem escrita, como o está também a daquele minuto horrível que não tardaria a seguir-se, quando, num atentado vilíssimo, mataram a tiro o nobre e simpático Presidente. A bala execranda como que atingiu a própria alma da Pátria. Instintivamente, vem-me ao pensamento aqueloutro infame assassinio do Presidente Lincoln. Pa-

rece que é negro destino dos grandes homens morrerem às mãos de cobardes!

Mas, estava, afinal, a afastar-me da razão principal do presente artigo: a visita de Sidónio à gloriosa praça forte de Elvas, onde chegou às 9,30 horas de 20 de Junho do referido ano de 1918. Fez a jornada pelo caminho de ferro e, quando o comboio presidencial parou na Estação das Fontainhas, não se queira saber o desbordante entusiasmo da multidão que ali havia ocorrido para vitoriar o garboso Chefe do Estado. Foi um acolhimento indescritível; a emoção era colectiva. E lá cima, na cidade, tudo era festa, estando as ruas ornamentadas, as janelas e sacadas desapareciam sob ricas colgaduras. O céu, dum azul transparente, o Sol, como que invejoso do seu rival, dardejava faúlhas.

As saudações foram apresentadas por diversas individualidades: Engrácio Lopes, Presidente do Município; dr. António dos Santos Cidrais e dr. João Henriques Tierno, da Direcção do Sindicato Agrícola; Governador da Praça, Verlé; general comandante da 7.ª Divisão Militar e seu ajudante, alferes Mário Vitorino Mendes; Oficiais de Cavalaria 1, Infantaria 17 e 22; Guarda Fiscal; representantes diplomáticos de Espanha e Bolívia; etc.

No Largo fronteiro ao edifício da Estação, um pelotão de cavalaria da Guarda Nacional Republicana, 2 pelotões de Lanceiros 1 e a Corporação da Polícia de Segurança Pública faziam a Guarda de Honra e continham a custo a numerosa massa popular, que ardia em desejos de ver pessoalmente o Presidente Sidónio.

Formado o cortejo, este, infindável, entrou às Portas voltadas para a saudosa vila de Olivença — daí terem o seu nome inolvidável — eram 10,30 h. Logo à entrada da Rua também de Olivença chamada, se levantava um belo Arco triunfal, que era a expressão pura e simples de como Sidónio seria recebido nesse baluarte da Pátria, escrínio das maiores virtudes do povo português, povo sempre pronto para o primeiro

embate com tantíssimas vezes o demonstrou em gestos de rara beleza. Um Batalhão de Infantaria 22 prestou honras ao Presidente da República. Comandava-o o major José Policarpo Dias, pai do coronel José Mendes Dias. O cortejo, constantemente vitoriado, seguiu pelas Ruas da Carreira e da Cadeia, Largo da Misericórdia, Rua de S. Francisco, onde, no n.º 24 (uma casa histórica a todos os títulos, pois nela viveu, no século XVIII, o celebrado autor do «Hyssope», António Dinis da Cruz e Silva, e de 1864 a 1871, o genial e malogrado Pintor Henrique Pousão, cujo primeiro centenário do nascimento se comemora este ano) foi hóspede do dr. António dos Santos Cidrais. Aí almoçou na doce calma de uma família que sempre teve o culto do lar, e às 14 h. seguiu-se uma recepção no formoso edifício manuelino dos Paços do Concelho na Praça da República, junto do qual a Banda de Infantaria 15 executou alguns trechos musicais.

Houve, como não podia deixar de ser, alguns discursos. Do de Sidónio recorde a seguinte passagem: — «Não se podia por mais tempo continuar na situação democrática. Coube a um punhado de homens, coube-me a mim, como seu chefe, interpretar o sentir da nação inteira. Cumpriu-me aparecer no primeiro minuto. Está apenas feita a revolução e incompleta a obra». A Obra não teria, infelizmente, tempo para a realizar, pois uma mão criminosa estava já preparando na sombra o golpe miserável e traiçoeiro.

Outros, porém, mais tarde a ergueriam, certamente insuflados pelos mesmos nobres ideais, pelo mesmo amor à Pátria. Mas, pergunto eu, quando se erguerá o monumento a esse gentilíssimo Homem que foi o primeiro a pisar ousadamente e conscientemente a estrada do Resgate? Quando?

E acode-me também à ideia nesta altura a ingratidão que se mantém, para vergonha nacional, para com a memória do inclito Condestabre, só porque uns o pretendem a cavalo, outros o querem a pé. Como podem os homens prender-se com tais questões e não encaram logo de frente o problema que não devia ser questão de coisíssima nenhuma?

E agora vejo que, de facto, os pensamentos são como as cerejas...

Voltando ao assunto da crónica: à tarde desse mesmo dia efectuou-se uma imponentíssima Exposição de Gados, que agradou, particularmente, ao Presidente. O Chefe do Estado percorreu-a em todos os sentidos, detendo-se em cada sector, que observou com o maior interesse.

E o acto culminou com uma sessão, em que fizeram uso da palavra diversos oradores.

O discurso do dr. António dos Santos Cidrais foi puramente técnico, mas notável. Não me detenho sobre ele, pois quero, sim, referir-me ao pronunciado a seguir por uma figura ímpar nas letras portuguesas: o dr. António Sardinha, mestre do Integralismo Lusitano, escritor de altos méritos, expoente máximo

de um brilhante escol de intelectuais, dos quais foi o doutrinador. «Ao Princípio era o Verbo», «Glossário dos Tempos», «À Lareira de Castela», «De Vita et Moribus», «A Aliança Peninsular», para não citar mais, são obras de um verdadeiro criador, de um Homem que tem uma nobre missão a cumprir e que está dela plenamente consciente.

Corajosamente e escutado com profunda atenção, disse, mais ou menos o seguinte: «Na hora difícil que atravessamos, é na terra, nos tesouros escondidos no seu seio, que existe a virtude primária da nossa salvação. Há nesse sentido um programa infinito a executar. É preciso evitar a corrente emigratória para as cidades, onde vai engrossar a hoste crescente dos deserdados. A questão social encontrará a sua melhor fórmula de salvação no dia em que se



Major José Policarpo Dias, que comandava o batalhão de Infantaria 22, quando Sidónio Pais visitou a cidade de Elvas

facilitar ao pobre, ao que nada tem, o acesso à propriedade».

Estas palavras, que soam como um clarim e que em parte exprimem um programa ainda há dias anunciado por um ilustre membro do Governo, seriam já suficientes para afirmar um carácter, porém, o autor de «A Feira dos Mitos» foi mais longe, acrescentando com o maior desassombro: — «Deputado monárquico por Elvas, eu não me sinto demais nesta festa. Sou decerto ainda aqui o representante do princípio que fez a nacionalidade e pelo qual ela retomará o seu rumo glorioso. Nas actuais circunstâncias a nossa bandeira enrolou-se, embora não abdicasse». E em gesto, que uma chama interior atearia, proclamou-se: É aí que está a prova frisante do nosso patriotismo. Para nós, monárquicos, a Pátria vale bem mais do que os partidos. E diante dos seus interesses sagrados, precisamente porque a Monarquia é a origem e a intimidade da Pátria —

Caminhos de Ferro Ultramarinos

ÍNDIA PORTUGUESA

O Caminho de Ferro de Mormugão e seu respectivo porto, começaram a registar, desde 1951, notáveis progressos.

Esta evolução progressiva é, em grande parte, uma resultante da exploração em larga escala do minério de ferro de Goa.

Empreendimento grandioso, ele tem a sua origem num contrato de concessão para construir e explorar por 99 anos o porto de Mormugão e o caminho de ferro que o liga à fronteira da antiga Índia Britânica e em que figuraram como partes contratantes, de um lado, o Estado português e, do outro lado, uma companhia constituída em Inglaterra no ano de 1881 sob a designação de «The West of Índia Portuguese Guaranteed Railway Company Limited».

As obras, iniciadas em 1882, ficaram concluídas em 1888 sendo o seu custo contratualmente fixado em 1.350.000 libras.

O Estado, nos termos das cláusulas acordadas, obrigava-se a garantir não só o juro anual de 5% sobre o capital inicial da Companhia como ainda o de 6% a incidir sobre todo o capital adicional necessário à execução de quaisquer obras de estabelecimento ou ampliação.

Independentemente de se prever a reversão gratuita à posse do Estado do porto e do Caminho de Ferro em regime de concessão, a entidade concessionária ficava como titular do direito de, passados 30 anos, denunciar o contrato mediante aviso prévio de 2 anos ao Estado. Este, por sua vez, ficava obrigado a reembolsar à companhia exploradora a quantia investida no estabelecimento. Os termos do contrato e o insucesso económico constituíram, para o Estado,

é que os monárquicos se lembram, na presente situação, de que são apenas portugueses». A nobreza da fórmula tem ainda hoje plena razão de ser. Meditem, pois, nela, os que se regem por idênticos princípios. A bem da Pátria, que deve estar acima de todas as paixões e logo abaixo de Deus.

O Presidente Sidónio Pais demorou-se em Elvas por toda essa tarde luminosa, e à noite ecoaram aos seus ouvidos de militar distinto os ecos vibrantes dos clarins e fanfarras do tradicional recolher na veneranda Praça de Guerra fronteira a Badajoz. No dia seguinte, as manifestações voltaram a irromper por toda a cidade, e às 14 horas Sua Excelência, o Chefe do Estado, regressava à capital, com certeza impressionado pela aura de popularidade e de simpatia com que o Povo de Elvas o recebera, dando-lhe uma prova irrefutável da sua confiança e do seu nunca desmentido patriotismo.

pesados encargos apesar de procurar-se atenuar estas deficiências com a integração dos caminhos de ferro de Mormugão na rede geral ferroviária na península indostânica, em 1902.

Com as dificuldades surgidas pelos acontecimentos políticos de 1956, acentuou-se a tendência para a companhia concessionária tomar a resolução de entregar a exploração da linha férrea e do porto ao Estado, uma vez que a força das circunstâncias impunha o fim do acordo de 1902.

Nessa altura — 1956 — mercê de diligências e concessões, constantes dum contrato estabelecido, prolongou-se a exploração pela companhia inglesa durante um período cuja validade terminou em 31 de Dezembro passado.

Ficou assim o Estado único titular da exploração da linha férrea e do porto a que, à parte o inconveniente do dispêndio a que força o Estado, vem juntar-se o benefício incalculável de o desonerar do pesado encargo anual previsto nos termos do contrato caduco.

Apresentando no momento actual vastas condições de prosperidade económica, mercê do extraordinário impulso do tráfego nacional, conta o Estado recuperar em breves anos o valor despendido, assegurando ainda a vantagem de colocar exclusivamente em mãos portuguesas o mais poderoso instrumento do desenvolvimento económico de Goa.

Sociedade de Perfumarias Dorlan, Lda.

São estes os produtos que oferecemos às cantinas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e às de todas as organizações com o desconto máximo

PASTA DENTÍFRICA CHLORODONT

anti-carie c/fluor, a pasta alemã com 70 anos de existência, agora ao serviço da saúde em PORTUGAL.

LEOKREM

o creme de beleza alemão à base de vitaminas! O único que contém a vitamina SOL.

VITAPONTE

o creme capilar mais imitado, mas nunca igualado

VITABRIL

para o homem moderno, cuidadoso da beleza do seu cabelo, o mesmo que VITAPONTE é para a mulher.

CHAMPÔ VITAPONTE // ÁGUAS DE COLÓNIA DORLAN // PETRÓLEO QUÍMICO DORLAN

BRILHANTINAS a fabricar a pedido

ELIXIR CHLORODONT // LAIT DE BEAUTÉ VITAPONTE, com vales de 100\$00 em produtos.

RUA ANTÓNIO MARIA BAPTISTA, 20

— LISBOA-PORTUGAL —

Telef. 840243

PANORAMA

Uma página de REBELO DE BETTENCOURT

Artur Portela

Com o falecimento de Artur Portela, não foi apenas o jornalismo que perdeu um dos seus grandes mestres profissionais; não foi apenas a «Casa da Imprensa» que viu desaparecer um dos seus servidores mais dedicados, foi também a literatura portuguesa que ficou desfalcada de um dos mais nítidos valores. O jornalista, o escritor, o artista e o homem de coração coexistiam nele tão maravilhosamente, que nunca foi fácil apreciar o grande jornalista sem admirar o escritor, e estimar o nobre artista sem reconhecer, a par, a bondade do seu coração e o seu espírito compreensivo.

Esse fascinante escritor, dono e senhor de uma prosa original, foi um grande semeador de imagens literárias e de ideias generosas. Muitas das suas páginas — e quantas não ficarão irremediavelmente esquecidas! — são do melhor, do mais puro oiro de lei da língua portuguesa.

Se Artur Portela, com a sua cultura e a sua prosa, nos legou uma obra de extraordinária beleza, deixou também, com o exemplo da sua vida, uma lição de camaradagem, de lealdade e de dignidade humana.

Exposições de pintura

Inauguraram-se na Sociedade Nacional de Belas Artes mais duas exposições, além daquelas a que, na nossa página de 1 do corrente, fizemos referência: a de pintura a óleo, de Maria Fernanda Amado, e a de aguarelas de Luís Salvador Júnior. Daquela senhora, que mostra experiência na arte de pintar, apreciámos, além do seu autorretrato e do retrato de sua gentil filha, os apontamentos com os n.ºs 10 (*Place du Tertre, Paris*) e 11 (*Rua do Castelo, Lisboa*), um aspecto de Linda-a-Pastora e os quadros em que as flores são o tema. Os n.ºs 30 do catálogo — *Rosas e barros*, e 36 — *Natureza morta com flores*, só por si bastariam para consagrar um grande pintor, tanto mais que esta ilustre senhora se encontra numa fase de transição: fugindo da técnica académica e entrando, com segurança e sentido de equilíbrio, na escola moderna. Luís Salvador, além das suas magníficas aguarelas, expôs também, extra-catálogo, alguns óleos. Artista de sensibilidade, não é um renovador, um revolucionário da arte de pintar, mas é seguramente, no seu género, um mestre. É um valor da sua geração.

Os nossos artistas



ÚLTIMA CARRADA — Aguarela de Joe

DENTRO DE MIM

*Ó tempo de traições, pesadelo sem fim,
Mas que tédio tu estampas no meu rosto!
Por tua causa, vivo dentro em mim,
A remoer o sal do meu desgosto!*

*Eu giro em torno do que fui outrora,
Num torvelinho de estafada mó...
Ah, como é triste o poeta quando chora
As amarguras de viver tão só!*

SÚPLICA

*Senhor, sinto vergonha a cada instante,
Quando as minhas misérias aprofundo!
Porque me impedes de viver distante
Do medonho atoleiro em que me afundo?*

*Desponta em mim desejo doutra vida:
A farsa desta cansa e desagrada...
Não me apontes a terra prometida,
Se não consentes que daqui me evada!*

(Do livro: *Vlagem Dentro de Mim*)

Francisco Alves da Costa



Por C. MENDES DA COSTA

Os velhos truques teatrais a par dos modernos truques cinematográficos

Noutros tempos, quando o teatro não tinha a concorrência do cinema, os encenadores e demais artistas de cena caprichavam em dar ao público a ilusão mais perfeita dos factos e acontecimentos trágicos que se sucediam no decorrer das representações, procurando sempre que elas atingissem o máximo de poder emocional e contagiante para todos os espectadores.

Era vulgar ver-se uma plateia empolgada, não só pela interpretação como ainda pelos efeitos cénicos, que verdadeiramente se aproximavam da ilusão da realidade.

Hoje, na maior parte dos casos, a impressão que sentimos ao analisar todos os pormenores de uma grande peça teatral, é que tudo assenta em fundo falso. Assim, os cenários são o mais sintético possível, torneando-se com um descaramento inaudito as dificuldades dos grandes lances que, modernamente, são ofuscados pelos belos efeitos de luz, aproveitamento do avanço da luminotécnica.

"La Nature"

Duma antiga revista francesa, com quarenta e muitos anos de publicação, respigámos algumas notas acerca da apresentação de uma catástrofe sensacional que constituiu um dos grandes sucessos daquela época. Um choque de um automóvel com uma locomotiva era feito de tal forma que a ilusão da realidade era perfeitíssima.

Tratava-se da peça «Stanley Collins, o invencível», onde, no decorrer do 2.º acto, há uma perseguição de automóvel. Na cena, em primeiro plano, vê-se uma passagem de nível com a via a sair de um túnel; em fundo deste quadro, ao longe, em cenário, a estrada e a via férrea perspectivadas na paisagem com luz crepuscular a fim de se obter uma maior sensação de profundidade. Na estrada, ao longe, avistam-se as luzes de um automóvel que vem seguindo o caminho, ao mesmo tempo que na linha férrea aparecem as de um comboio. É muito simples a obtenção destes efeitos, que se conseguem

por meio de lâmpadas reunidas numa caixa, que se faz passar por detrás dos cenários transparentes que representam a estrada e a via.

Para a ilusão ser mais completa, um automóvel em miniatura provido de pequenas lâmpadas faz-se passar por uma ranhura para a última parte do trajecto da estrada.

O comboio que tinha desaparecido, reaparece repentinamente, representado por uma locomotiva, em tamanho natural, à qual não falta o vapor a sair das válvulas e os reflexos das fornalhas obtidos com fogos de artifício; a toda a velocidade, o automóvel choca com as barreiras de passagem de nível, parte-as, volta-se e incendeia-se, tudo com um realismo enorme a que não falta o estrépito das ferrarias torcidas e partidas.

E, agora, transcrevemos como foi obtido este terrível efeito:

«O plano inclinado por onde desce o automóvel acha-se levantado pela esquerda, no fim da ladeira, facilitando assim o tombo do veículo, o qual cai para a direita por lhe saírem as rodas deste lado. O automóvel está preso a um cabo sólido que o faz parar de súbito, e a tensão doutro cabo um pouco mais curto faz saltar as cavilhas que seguram as rodas. O incêndio produz-se automaticamente, graças a um recipiente colocado por debaixo do «chassis» que contém água, a qual se entorna e corre pelo solo. O estampido dos pneumáticos rebentando é muito bem imitado com tiros de pistola disparados entre bastidores, ao mesmo tempo que se provoca todo o estrépito necessário. Os passageiros do automóvel escapam «milagrosamente, da morte, e assim se pode dizer, porque se limitam a observar dos bastidores a queda do veículo conduzido por um manequim vestido de «chauffeur», e depois, ocultos por trás de uns arbustos da cena, chegam sem ser vistos até ao carro voltado, donde parecem sair».

É facto que uma montagem desta natureza será hoje impossível em teatro, mas em cinema, graças aos modernos truques da arte cinematográfica, temos-los visto com impressionante realismo. A expansão do cinema, muito maior que a do teatro, torna com-

pensador o investimento de grandes capitais em cenas catastróficas de grande efeito.

Estatísticas

Respigámos os seguintes dados estatísticos de um relatório de 1890 da Sociedade dos Guardas de Caminhos de Ferro, em Inglaterra, agremiação fundada em 1849 com o fim de prestar socorros e pensões aos empregados sinistrados em acidentes, inválidos, viúvas e órfãos.

Contava naquela altura (1890) 2.200 aderentes e despendia anualmente 27 contos de réis; distribuiu aos seus agremiados doentes ou feridos, cerca de 250 contos e às viúvas e orfãos, para cima de 36 contos.

Havia em Inglaterra, em 1890, 18.668 milhas de caminho de ferro servidas por 367.660 agentes. Para se fazer uma ideia da importância do movimento ferroviário naquele país citam-se os seguintes números:

Da estação de Cannon Street, de Londres, partiam diariamente 750 comboios; em 1883, as estatísticas davam 863.718.127 passageiros, com a seguinte distribuição: 1.^a classe, 36.387.877; 2.^a classe, 66.096.784; 3.^a classe, 581.283.476; bilhetes de gare:

180.000.000; minérios transportados: 189.485.612 toneladas e mercadorias diversas, 76.897.356 toneladas.

Dos Jornais — Maio de 1956

CLIFTON FORGE (Virgínia), 17 — Um maquinista de um comboio fez tal barulho com o apito da locomotiva que acordou uma família, que dormia enquanto a casa estava a arder próximo da linha dos caminhos de ferro.

Os donos da casa e um filho, de 14 anos, conseguiram escapar do fogo, mas a residência ficou destruída. — (R.).

BLANTYRE (Niassalândia), 17 — Um bicho que construiu a sua lura numa represa ferroviária foi o causador da paralisação, que durou 15 dias, na passagem de comboios entre o porto da Beira (Moçambique) e a Niassalândia interior.

O animal fez um pequeno buraco através da represa, pouco antes de um furacão assolar a área. A água começou a sair através do buraco causando erosão e fazendo com que a abertura atingisse a largura de cerca de quatro metros. — (R.).



Exclusivos

Leader

TECIDOS DE QUALIDADE

Recortes sem comentários

A expressão «desculpe» confirma a transgressão

A Automobile Association — cujo presidente é o Duque de Edimburgo — avisou os seus dois milhões de sócios de que não devem pedir desculpa ao polícia de trânsito que os mandar parar por infracção.

«A expressão «desculpe» que os ingleses tão levemente utilizam — diz o advogado da organização — anotada pelo agente da autoridade e lida no tribunal conduz invariavelmente a uma sentença desfavorável e consequente multa porque equivale à admissão de culpabilidade por parte do motorista».

(Dos Jornais)

Conhecia bem o árbitro do desafio...

ESCÓCIA, 7 — Uma senhora de temperamento exaltado, dessas que explodem por dá cá aquela palha, assistiu a um desafio de futebol. Irritada com os apitos do árbitro, que lhe pareciam sem lógica, começou a gritar e a dirigir-lhe os mais fortes insultos.

Mas os insultos não ficaram só no «juiz ladão». Foi tal o impropério dos termos usados por aquela representante do belo sexo, que a Polícia foi obrigada a prendê-la. Mais tarde, na cadeia, ao identificar-se, qual não foi o espanto da Polícia, ao verificar que se tratava da mulher... do árbitro. — (L.)

Os 43 aviadores Cubanos

HAVANA, 3 — Os 43 aviadores acusados de terem bombardeado e metralhado cidades e aldeias da província de Oriente, foram absolvidos pelo tribunal de Santiago. A sentença causou em todo o país enorme surpresa.

O procurador-geral pediu para os pilotos a pena de morte e 10 anos de prisão para os mecânicos.

O Governo de Fidel Castro tomou, por outro lado, uma medida inesperada que transforma o antigo «gabinete de repressão do comunismo», criado por Baptista, num organismo encarregado de «proteger o povo contra os excessos e os abusos que poderiam ser cometidos por certos funcionários revolucionários ou por impostores que se fariam passar por adeptos do actual chefe do Governo». — (F. P.).



PARTE OFICIAL

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

4.^a Repartição (Secção de Vias e Obras)

O «Diário do Governo», n.º 54, II série, de 5 de Março de 1959, publica o seguinte:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Comunicações, nos termos do artigo 12.º da Lei n.º 2030, de 22 de Junho de 1948, aprovar o projecto de construção de um cais para passageiros e respectivo abrigo a construir do lado direito da linha do Tua, ao quilómetro 94,630, para o novo apeadeiro que servirá a freguesia de Vinhas, incluindo a expropriação de duas parcelas de terreno entre os pontos quilométricos 94,607 55 e 94,654 70.

Ministério das Comunicações, 20 de Fevereiro de 1959. — O Ministro das Comunicações, *Carlos Gomes da Silva Ribeiro*.

OS
BONS ANÚNCIOS
conhecem-se

**NOS ELÉCTRICOS
E AUTOCARROS**

todos os anúncios
são óptimos

Custam pouco
e toda a gente os lê

Peça informações e tabela de preços à
SECÇÃO DE PUBLICIDADE DA COMPANHIA CARRIS
Calçada da Bica Pequena, 4 — Lisboa
Telefone: 3 50 35

A. J. Gonçalves de Moraes, Lda.

Estabelecidos em 1894

Transitários e Agentes de Navegação

PORTO (Sede)—R. da Nova Alfândega, 18
Telef. 28741 (10 linhas) Telex. 24

LEIXÕES (Deleg.) — Doca n.º 1 — Telefone
Matosinhos 12 e 1703

LISBOA (Filial)—Rua de S. Paulo, 26
Telef. 34943 (10 linhas) Telex. 135

Em Londres:

MORAES, DORLING (Shipping), Ltd.
The City Chambers-65 A, Fenchurch Street,
LONDON E. C. 3.

Telegramas: AMORAS (todos os escritórios)

Seu departamento de Turismo:

Agência de Viagens EXPRESSO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, n.º 88

LISBOA Telef. 42185

FAPOBOL

Fábrica Portuense de Borracha, Lda.

RUA DOMINGOS MACHADO, 64 a 210

Telefones: 61125, 61126, 61127

PORTO PORTUGAL

Manufatura de Borracha

Natural e Sintética

Para todos os fins

//

Pneus e câmaras de ar para bicicleta. — Artigos moldados — Correias planas, trapezoidais e transportadoras. — Tubos para todos os fins. — Calçado de homem, senhora e criança «LATEX».

REVESTIMENTO DE CILINDROS
PLÁSTICOS

PRODUTOS JAPE

- = Fundição de ferro e metais não ferrosos.
- = Reservatórios metálicos de qualquer capacidade.
- = Tubagem.
- = Guindastes, pontes rolantes e guinchos.
- = Tanques em aço macio e alumínio para o transporte de carburante, vinho, leite, cerveja, etc.
- = Asnas, caixilharia e portas metálicas.

FORNECEDORES DA C. P.



SONORTE

Sociedade de Estruturas Metálicas do Norte

(S. A. R. L.)

Rua Justino Teixeira n.º 464 - PORTO

Telefs. 53 145 / 53 146

Fábrica de Tintas e Vernizes

A ESFINGE

DE

Armando Gomes Pessanha

Fabrico especializado de tintas metálicas anti-corrosivas para ferro, da conhecida e afamada marca «ESFINGE» — Fábrica de tintas para fundos de embarcações de ferro e madeira, anti-corrosivas, anti-vegetativas, costados, tintas resistentes a altas temperaturas, esmaltes para interior e exterior, tintas de alumínio, vernizes, secantes e alvaiades
TINTAS PLÁSTICAS — Esfinge Plas - Córplast - Ralip

Rua Rodrigues de Freitas

Telefones: 710514 — 711274 (P. B. X.)

VILA NOVA DE GAIA

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

António Moreira Rato & Filhos, Lda.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO TEJO
MÁRMORES—CANTARIAS
GRÊS—LOIÇA SANITÁRIA
Fibrocimento «NOVINCO»

Telefones: 60879 - 63708

Telegramas: RATOFILHOS

AVENIDA 24 DE JULHO, 54-F
LISBOA

ROCHA, AMADO & LATINO, LDA.

ARAMEIRO

82, RUA DA PRATA, 86

Telefone 2 22 54



FERRAGENS

13, RUA NOVA DO ALMADA, 15

Telefone 2 22 56



METAIS

54, RUA DA BOA VISTA, 54

Telefone 2 22 55

MATERIAIS para todos os tipos de viaturas

Perfis — Chapa e tubos de
ligalumínio — Perfilados
de aço e material de estofos



Auto Carrocerias, L.^{da}

Rua das Portas de Santo Antão,
117, 1.º

Telef. 2 7533 — **LISBOA**

100 anos ao vosso serviço

J. A. RIBEIRO & C.^a, L.^{da}

RIBEIRO OCULISTA

CASA FUNDADA EM 1858

ÓPTICA / INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS
MATERIAL E VIDRARIA DE LABORATÓRIO

EMIL BUSCH G. M. B. H. GOTTINGEN

Lentes para óculos e binóculos

PAUL FUNKE & CO. Berlim Oc.

Material para análises de leite e seus
derivados

CHR BECK & SOHNE KASSEL

Microscópios e binóculos

KRAHN Hamburgo

Material para oftamologia

MULLER WELT STUTTGART

Lentes corneanas — Lentes de contacto

NITSCHKE & GUNTHER — Dusseldorf

Armações para óculos

222, Rua Aurea, 226 — LISBOA

Rua Eduardo Costa, 65 — C. P. 1394 — LUANDA

FÁBRICA DE PAPEL DO ALMONDA, LDA.

"A RENOVA" — (Fundada em 1818)

RENOVA — TORRES NOVAS

Telefones 2355 — 2977 (P. P. C.) — TORRES NOVAS

Telegramas: PAPEL 2355 — TORRES NOVAS

PAPÉIS:

ESCRITA ■ IMPRESSÃO ■ EMBALAGEM FINA
KRAFT ■ CARTOLINAS E ESPECIAIS.

Ernesto Cruz

Importador ≡ Exportador

COVILHÃ — PORTUGAL

Lãs em Rama — Penteados

de todas as classes

de Matérias Primas

≡ FORNECEDORES DA C. P. ≡

Telefone 22007

Telegramas: ERCRUZ

Fábrica ADICO

— DE —

**Adelino Dias Costa
& C.^a, Ld.^a**

**Mobiliário metálico para
todos os fins:**

**CIRÚRGICO — HOSPITALAR —
DOMÉSTICO — DECORATIVO —
CAFÉS — ESPLANADAS —
EXPORTAÇÃO — (Desmontável)**

Fornecedores da C. P.

Agências:

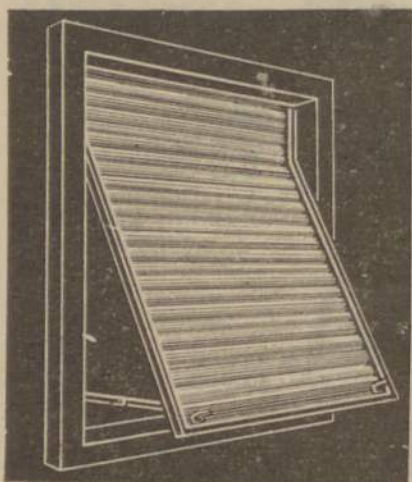
**LISBOA — Rua Nova do Almada, 61
PORTO — Rua do Carmo, 8
COIMBRA — Av. Sá da Bandeira, 73**

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NA FÁBRICA EM

A V A N C A

Telef. 2

Teleg. ADICO

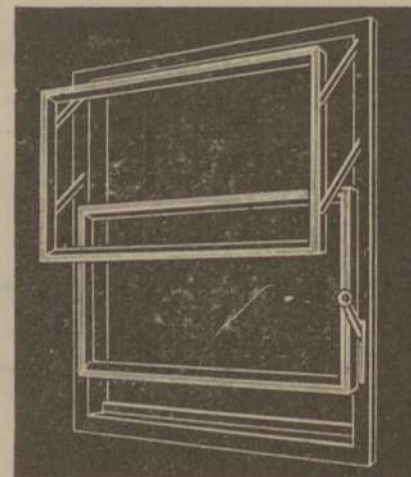


**JANELAS E STORES EM ALUMÍNIO
ANODIZADO**

Anodização e Coloração do Alumínio

LUZARPURO

Sociedade de Construções e Representações Luzarpuro, L.^{da}
Rua Gualdim Pais, 88 — LISBOA — Telef. 84 25 87



SEEL
MÓVEIS DE AÇO PARA
ESCRITÓRIO



Sociedade Equipamento
de Escritório, Lda.

Praça dos Restauradores, 53-1.º

Telef. { 24986
28671 — LISBOA



FORNECEDORES DA COMPANHIA
DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES



Hotel Francfort

SANTA JUSTA



EXCELENTE E ABUNDANTE
SERVIÇO DE MESA



HOTEL DE 2.ª CLASSE
SITUADO NO CENTRO DA CIDADE

O preferido pelos africanistas



Telefones: 30747 — 30748 — 30749 — 30776

Telegramas: HOTFORT

Rua de Santa Justa, 70 — LISBOA

Precisa

A MÁQUINA DE SOMAR
COM TECLA DE MEMÓRIA

DURALMAQUE

Máquinas de Escritório, Lda.

Rua Conde de Redondo, 20, 1.º

Telefs. 54417-51941-50795-50798



Empresa Auto Viação, Lda.

Telef. 58 POMBAL

Concessionária das Carreiras de passageiros:

Castanheira de Pera — Pombal (Est.)
Louriçal (Est.) — Pombal (por Louriçal)
Almesinha — Pombal (Est.)
Guarda Norte — Pombal
Albergaria dos Doze (Est.) — Pombal
Pombal (Est.) — Venda do Brasil
Venda do Brasil — Verride (Est.)
Casal de Almeida — Pombal
Redinha — Soure
Pombal — Verigo
Outeiro da Ranha — Santiaes
Venda das Figueiras — Ansião
Torre (Cruz.to) — Ansião
Charneca — Pombal
Chimpeles — Figueiró dos Vinhos
Louriçal (Est.) — Pombal (por Guia)
Granja do Ulmeiro (Est. Alfarelos) Paleão
Castelo — Santiaes

SERVIÇO COMBINADO COM A C. P.

Em passageiros e mercadorias para as Centrais

Ansião — Avelar — Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera

EXCURSÕES E ALUGUERES

Em modernos e luxuosos autocarros

JOSÉ ESTEVES FIADDEIRO, LDA.

Fornecedor dos Caminhos de Ferro Portugueses

Fábrica de Lanifícios
no Sineiro

CARDAÇÃO E FIAÇÃO, TECELAGEM
ULTIMAÇÃO — FABRICAÇÃO DE TECI-
DOS PARA HOMEM E SENHORA NAS
MELHORES QUALIDADES



TELEFONE 61

COVILHÃ



Corporação Industrial do Norte, Lda.

Fábrica de Tintas e Vernizes

Os nossos serviços Técnicos e Laborato-
riais, sob a direcção de engenheiros
químicos, estão inteiramente à disposição
dos nossos clientes

A nossa larga experiência na solução de
problemas industriais, é garantia de me-
lhor e mais económica pintura.

A vossa consulta será sempre no vosso
interesse

Telefone: P. P. C. A. 43194 (3 linhas)

RUA BENTO JÚNIOR, 11

PORTO

Agentes em Lisboa:

Largo do Poço do Borratém, 13-1.º-D.º

Telef. 2-44-53 e 36-87-65

Indústria de Matérias Plásticas



JOAQUIM LARANJEIRA

FÁBRICA EM **ELVAS** TELEF. 400



**Fábrica de Artigos de Borracha
e de Artigos Plásticos, por In-
jecção, Extrusão, Compressão e
Soldagem Electrónica**



**Fornecedores da Companhia
dos Caminhos de Ferro Portugueses**

DEPÓSITOS:

LISBOA:

Praceta Pascoal de Melo, 5-A
Telef. 40083

ELVAS:

Rua da Carreira, 18
Telef. 526

PORTO:

Rua da Fábrica, 11-1.º
Telef. 30211

Empresa Electro Cerâmica

FÁBRICA NO CANDAL — VILA NOVA DE GAIA

Isoladores de alta e baixa tensão; pequena aparelhagem eléctrica de porcelana e baquelite; tubos isolantes.

Entre outros, produz os seguintes artigos:

- a) — Isoladores de porcelana para todas as aplicações, inclusive para as de Raio X de alta frequência.
- b) — Interruptores e comutadores «XAMAX» de bácia, silenciosos, apropriados para instalações eléctricas de habitações, escritórios, hospitais, casas de saúde, hotéis, etc.
- c) — Tubo plástico «POLIVOLT», próprio para protecção de condutores eléctricos em substituição do tubo de aço.
- d) — Tubo plástico «POLISANITE», indicado para esgotos e condução de líquidos, por ser inatacável pela maior parte dos ácidos e gases.

SEDE: — *Largo do Barão de Quintela, 3-1.º — LISBOA*



PHOENIX

ASSURANCE COMPANY LIMITED, DE LONDRES — 1782

1787 — A primeira Companhia a efectuar Seguros em Portugal — 1959

Seguros contra FOGO, LUCROS CESSANTES, TREMOR DE TERRA, AGRÍCOLAS, QUEBRA DE VIDROS, AUTOMÓVEIS, RESPONSABILIDADE CIVIL, ACIDENTES PESSOAIS, MARÍTIMO E ROUBO

Agentes Gerais: JOÃO ARCHER & C.^A — PORTO

Em LISBOA: **COSTA DUARTE & LIMA, L.^{DA}**

Avenida da Liberdade, 42, 1.º-Esq.

Telefone: 26922



O ÚNICO PULVERIZADOR FABRICADO POR NOVOS PROCESSOS. EXAMINE CUIDADOSAMENTE TÔDAS AS SUAS PEÇAS E DAR-LHE-A PREFERÊNCIA.

HIPÓLITO

A MARCA QUE OFERECE TODAS AS GARANTIAS
FÁBRICAS EM TORRES VEDRAS

AGÊNCIAS | PORTO - Rua Saraiva de Carvalho, 47
SANTARÉM - Rua Dr. Teixeira Guedes, 38

OURO - PRATAS ARTÍSTICAS - RELÓGIOS

BAETA
JOALHEIRO



65, Rua Aurea, 67 — LISBOA
PORTUGAL

TELEFONE 2 6329 Teleg. BAETAS

FILIGRANAS - JÓIAS - PEDRAS PRECIOSAS



Passaportes — Vistos Consulares —
Marcação e venda de bilhetes para companhias de navegação marítima e aérea

Marcação de hotéis em qualquer local do mundo para onde deseje viajar

EXCURSÕES NO PAÍS E ESTRANGEIRO

RECOMENDADA PELA C. P.
E SERVIÇOS DE TURISMO

UTILIZE OS NOSSOS SERVIÇOS SEMPRE QUE
NECESSITE DE VIAJAR

Thomaz dos Santos, L.^{da}

ARMAZENISTAS - IMPORTADORES

Grande existência a preços

de concorrência

Ferros - Aços - Tubos - Arames - Metais

Folha de Flandres

VENDAS PARA TODO O PAÍS

ILHAS E ULTRAMAR



Telef.: 05 81 94 — SACAVÉM

Telef.: 2 20 46 e 2 20 47 CALDAS

Apartado 14 — CALDAS

CALDAS DA RAINHA



ESCOLA ACADÉMICA

FUNDADA EM 1847

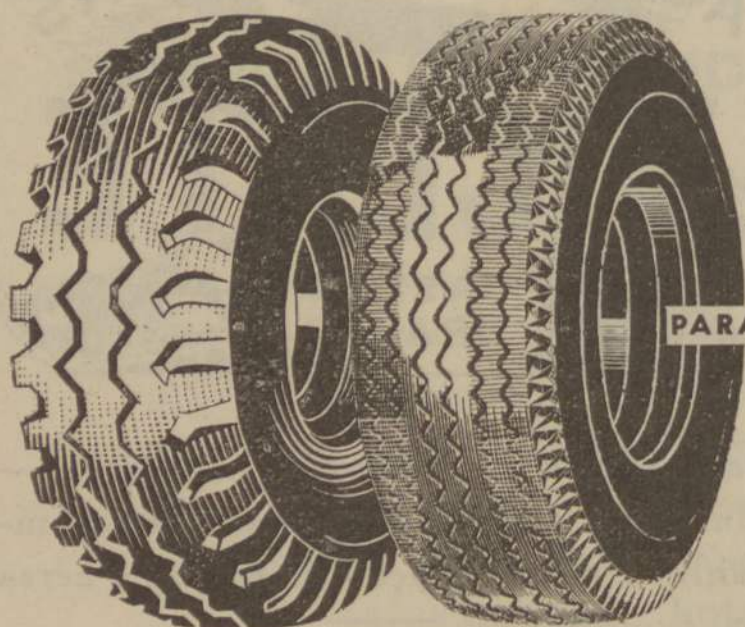
Agraciada com o Grau de Comendador
da Ordem de Instrução Pública

Largo do Conde Barão, 47 — LISBOA — Telefone: 6 62430

INTERNATO E EXTERNATO

SEXO MASCULINO

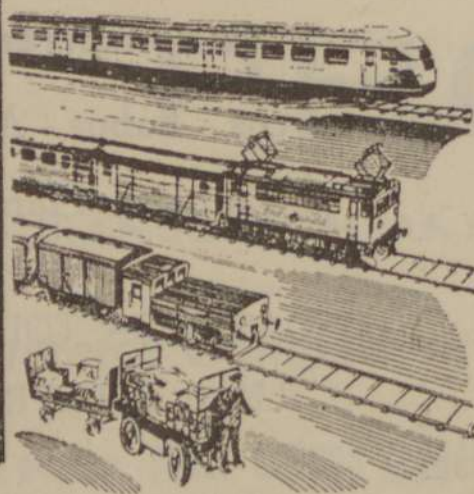
Cursos Diurnos e Nocturnos: Instrução Primária — Cursos Liceal e Comercial — Ciclo Preparatório do Ensino Técnico — Admissão aos
Institutos Comercial e Industrial



PARA TODOS OS VEÍCULOS AUTOMÓVEIS LIGEIROS E PESADOS

MABOR

SEGURANÇA
COMODIDADE
ECONOMIA



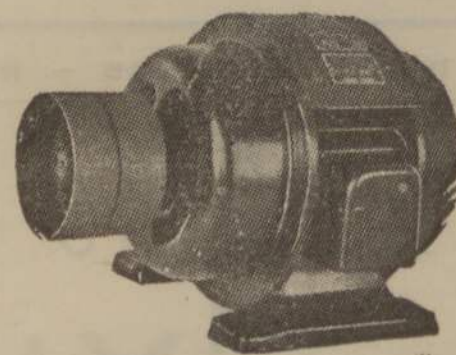
Baterias Alcalinas — Níquel — Cádmio
INSTALAÇÕES DE LUZ FIXAS OU MOVEIS
T. S. F., SINAIS DE ALARME, TELEFONE
E TELÉGRAFO, APARELHOS DE PRECISAO
E AINDA PARA:

ARRANQUE DE MOTORES DIESEL.
LOCOMOTIVAS, TRACTORES, ETC.

Representantes Gerais:

J. COELHO PACHECO, LDA.

Rua Braamcamp, 90-94. Telef. 4 2188 — LISBOA



MOTORES ELÉCTRICOS

ALTERNADORES

TRANSFORMADORES

DISJUNTORES

ARRANCADORES

MATERIAL ELÉCTRICO PARA
ALTA E BAIXA TENSÃO

Sociedade Luso Eléctrica, L.^{da}

11, Calçada do Marquês de Abrantes, 13

Telef. 668061/5 (5 llnhas) LISBOA

Empresa Geral de Transportes

S. A. R. L.

TRANSPORTES NACIONAIS E INTERNACIONAIS ■ SERVIÇOS AUXILIARES DOS CAMINHOS DE FERRO ■ RECOLHA E ENTREGA DE MERCADORIAS E BAGAGENS AO DOMICÍLIO ■ SERVIÇO DE PORTA A PORTA EM CONTENTORES ■ ARMAZENAGEM DE
— MERCADORIAS —

≡ AGENTES DE TURISMO

AGENTES DE NAVEGAÇÃO ≡

Rua do Arsenal, 124 e 146

Telefs. 3 2151/54 e 3 2261/64

LISBOA

Rua Mouzinho da Silveira, 30

Telefs. P.P.C. 28475/79

PORTO

Companhia União Fabril

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL DA PENÍNSULA

SUPERFOSFATOS

ADUBOS

SULFATO DE COBRE

ENXOFRES

BAGAÇO PARA ALIMENTAÇÃO DE GADOS

INSECTICIDAS

ÓLEOS INDUSTRIAIS

ÓLEOS COMESTÍVEIS

AZEITES

SABÕES



ÁCIDOS

VELAS

TECIDOS

CARPETES E PASSADEIRAS

CAPACHOS DE CAIRO

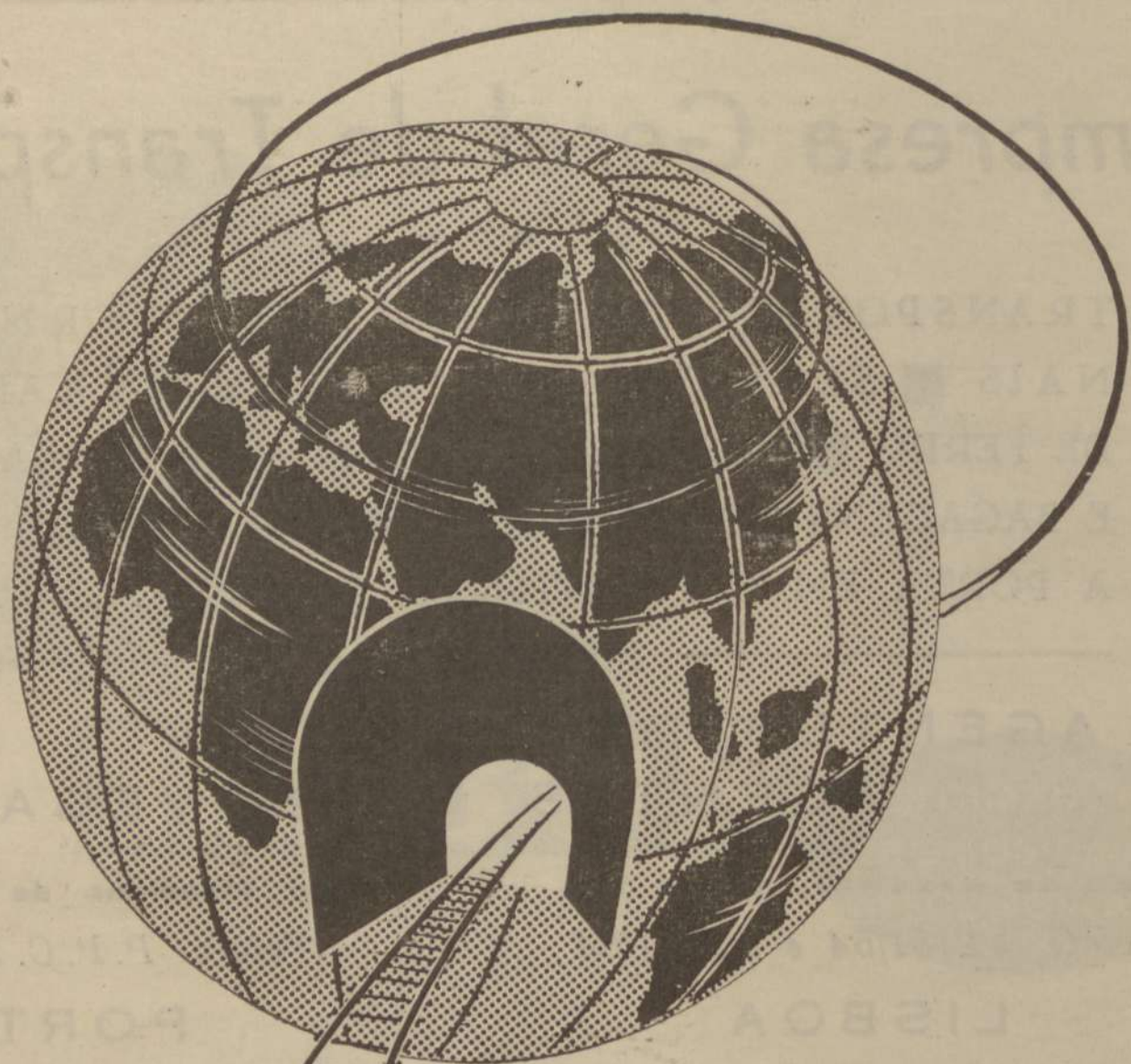
SACARIAS DIVERSAS

METALÚRGICA DO FERRO E AÇO

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE NAVIOS

LISBOA — Rua do Comércio, 49

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 86



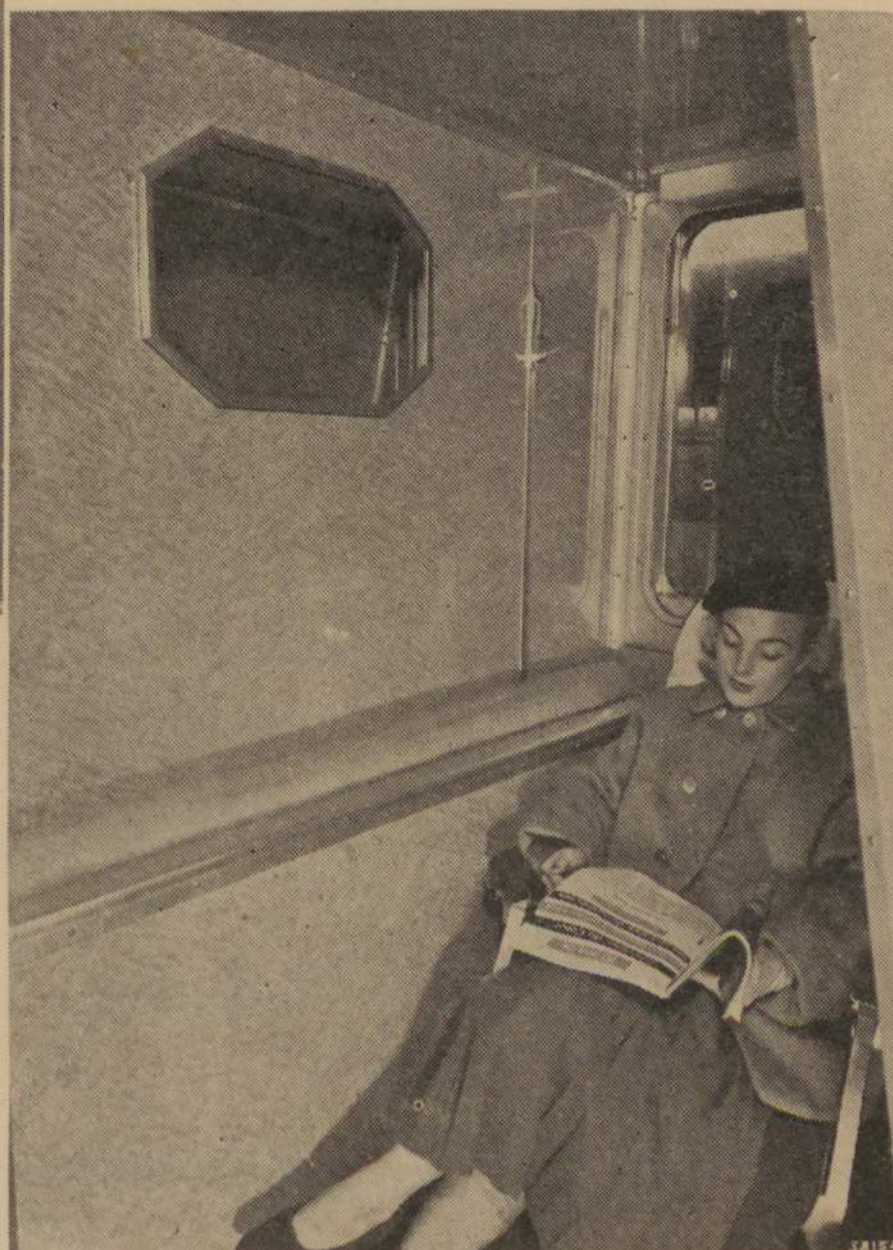
O CAMINHO DE FERRO
VENCE A DISTÂNCIA

BENZO-DIACOL
VENCE A TOSSE

Celamine



*A chapa
plástica
termolaminada
para
revestimento
decorativo*



Representantes em Portugal
e Províncias Ultramarinas

OCIDENTE

IMPORTADOR E EXPORTADOR, LDA. — RUA EDUARDO COELHO, 16, 2.º — TELEF. 36 7859-3 4370

*em menos tempo
e com maior segurança!*

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses adquirindo material moderno tem contribuído valiosamente para a melhoria da rede nacional de transportes terrestres. A Shell orgulha-se de fornecer à C. P. os lubrificantes que as novas locomotivas e automotoras necessitam.



**LUBRIFICANTES
INDUSTRIAIS**

